



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LILIANA DANTAS DA SILVA

AFROMEXICANOS: ESCRIVIVÊNCIAS SOBRE A PRESENÇA NEGRA NO MÉXICO
A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Porto Alegre

2020

LILIANA DANTAS DA SILVA

AFROMEXICANOS: ESCREVIVÊNCIAS SOBRE A PRESENÇA NEGRA NO MÉXICO
A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Dra. Paula Sandrine Machado.

Porto Alegre

2020

Minha vó se chama Lída. A minha irmã se chama Lidiana e eu sou a Liliana. A história dos nossos nomes vem do radical LI da nossa avó Lída. A minha avó é da Silva, assim como meu pai, minha irmã, e uma penca de brasileiros que não são necessariamente minha família. A minha vó Lída da Silva é a pessoa mais velha da minha família. Ela tem 91 anos. Eu sou a neta mais nova dela. Minha avó guarda consigo preciosas histórias, de um bocado de coisas que ela já viveu nesse quase um século. Ela é a anciã da minha família, e se existe algo a ser reverenciado é a sabedoria dos que vieram antes de nós. Por isso dedico este trabalho à minha avó — Lída da Silva.

AGRADECIMENTOS

Com grande alegria e reverência agradeço às pessoas importantes na minha vida, que contribuíram de diversas formas neste processo de muitos encontros e aprendizados com os quais findo minha trajetória no curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nas civilizações africanas, valores como a ancestralidade e o respeito aos que vieram antes de nós norteiam as práticas do convívio em sociedade. Alicerçada neste valor, agradeço primeiramente a minha vó Lídia, por todo seu apoio enquanto matriarca da família, esteio e fortaleza. Aos seus 91 anos de idade, ou primaveras vividas, me impulsionou a essa conquista de concluir o ensino superior, sempre apoiando da maneira que pôde, seja na minha subsistência ou através das histórias que contava e que fortaleciam a consciência de saber de onde venho e quem sou. Empregada doméstica desde sua tenra adolescência, as desigualdades sociorraciais desse país tão desigual não oportunizou que ela se alfabetizasse. Quando ingressei no ensino superior, em 2014, momento em que as opressões do espaço universitário branco e elitista eram quase impossíveis de suportar, o pensamento que não me fazia desistir era poder devolver de alguma forma a honra da conquista deste título à ela. No país em que as empregadas domésticas há muito pouco tempo não tinham os direitos de trabalhadoras reconhecidos, ser neta de alguém que nesse ofício construiu sua vida, e ter a chance de ingressar e concluir o ensino superior, é uma afronta a esse sistema racista que nos exclui e oprime, e a melhor revanche possível.

À minha mãe, Cícera, que sempre teve toda a paciência do mundo em me educar, cuidar, e, em meio às maiores dificuldades e limitações dela, seguiu sendo mãe, se preocupando com as dimensões mais básicas do meu bem estar, resgatando a memória de nossa herança nordestina. Obrigada por todas as receitas que me lembram onde estão minhas raízes.

Ao meu pai, Antonio, que teve a importante função de cuidado e amor, e sempre me levava para passear por aqui e por ali, apostando através das palavras que eu teria um futuro melhor através da educação. À minha irmã, Lidiana, cúmplice de muitas artirices de crianças, que foi a pessoa que me ensinou a escrever meu nome, ainda antes de eu entrar na escola. Aos meus sobrinhos, Théo e Daniel que enchem a vida de sorrisos e de alegria. Em especial ao Théo quem, além de sobrinho, é meu afilhado, que acompanho desde seus primeiros dias de vida, me impulsionando a ser uma pessoa melhor e a compartilhar algo disso em sua formação humana.

Ao Guilherme Capriolli, meu companheiro, que é um homem maravilhoso e que admiro a cada dia mais. Só tenho a agradecer pela contínua parceria de vida, para todas as ideias - assim como eu, ele é entusiasta de uma vida sem fronteiras geográficas -, e pelo amor que nutrimos pela América Latina. Obrigada por compartilhar cada pedalada juntos, cada jantinha e cada momento de ócio criativo. Obrigada por ler cada página que eu escrevi desse TCC e incentivar minha escrita e minha consciência sobre minhas potencialidades enquanto mulher, enquanto acadêmica. Tu é uma de minhas referências quando penso no campo da educação. Te amo!

À minha sogrinha querida, Adriana Capriolli, que sempre me recebe cheia de receitas maravilhosas na sua casa, de maneira muito acolhedora. Adoro compartilhar da vida contigo nos nossos momentos de boteco em casa! À Gabi, que assim como eu tem vivenciado esse período de conclusão de curso e compartilhado comigo suas expectativas e angústias e praticamente junto comigo entregou seu TCC.

Ao Eduardo Aires, o querido Batatinha, que se tornou um amigo muito querido para mim, sobretudo neste contexto de pandemia, que revelam os afetos mais íntimos. Tu és o gastrônomo mais respeitado dessa vivente que vos fala. Agradeço por cada banquete que tu nos proporcionou no nosso grupo de quarentena.

Às meninas do apartamento 302, que, além de dividirem a casa, dividem também comigo suas vidas. Obrigada por toda a parceria envolvida nesses anos em que nos ajudamos a estar nesse mundo acadêmico e tão difícil quanto a própria vida adulta nos apresenta longe de nossas famílias. Em especial à Emily, por toda parceria ao longo desses quatro anos, dividindo teto, fofocas, vitórias e tretas dessa vida. És família que eu pude escolher. À Melissa, pela parceria dos almoços saudáveis que a quarentena nos obrigou a comer, pelas pedaladas na orla, por todos os seus bolos de cenoura no café da tarde, que me deram energia nesses últimos dias que antecederam a entrega deste trabalho. Pela parceria de vida num momento tão delicado como o que se apresenta nesta pandemia. À Deise, que recentemente chegou à nossa casa, e já preenche com toda sua parceria e energia. E ao meu querido Fredinho, que é o gato mais fofo do mundo e mascote desse lar!

Aos amigos que a faculdade proporcionou ao longo desses seis anos, os quais compartilharam comigo dessa travessia que é a graduação de Psicologia. Porque foram lindos encontros de sensibilização, de escutar o outro, de se ver e ver o outro, de apoio na ausência dele, de ânimo e de desânimo enfrentado em cada etapa desse processo. De sofrimento por muitas vezes, de medo, de incertezas, de racismo, de desigualdades, de vontade de desistir, superados através do apoio coletivo que a amizade representa nessa sociedade que tenta nos

tornar cada vez mais individualistas. Laura Graña e Bruno Papini, agradeço a todo apoio, aconchegos das palavras e abraços que representam nossos encontros no mundo. Vocês são amigos “porto seguro” dessa vida navegante.

Ao Leonardo Régis, amigo querido que, ao longo desses anos de faculdade, foi parceria de todas as horas, apoio e incentivo em ocupar esse espaço de produção de conhecimento através da potência narrativa de nossas escritas e vivências.

À Camila Santos, que foi uma amiga sempre presente e que foi muito importante em muitos momentos da minha vida. Nunca vou esquecer os dias que passamos em Buenos Aires curtindo dulce de leche e ouvindo Imigrantes. Obrigada por todo incentivo com o meu TCC e projetos de vida, amiga.

À Gabi e à Lola, amigas muito queridas que esse período no México me presenteou. Conexão de sentimentos, ideais de vida e luta. Vocês foram fortalezas para encarar essa aventura, e, até hoje, me pergunto o que seria de mim sem a parceria que construímos nas terras mexicanas. Apesar da distância eu levo vocês num lugar muito especial em minhas memórias. Obrigadas Chicas!

Aos meus colegas e tutor/a do PET Políticas Públicas de Juventude, que fizeram dos últimos anos de faculdade um lugar de trocas e afetos, no fortalecimento das ações afirmativas nas ações de ensino, pesquisa e extensão que protagonizamos.

À minha orientadora de TCC, professora Paula Sandrine Machado, que pacientemente me direcionou na construção desse trabalho, ouvindo cada relato que compartilhei, me deixando tranquila para expressar minhas escritas à minha maneira.

À minha orientadora no CIESAS México, María Regina Casas e ao professor do departamento de antropologia da UFRGS Sérgio Baptista, pela orientação e atenção que tiveram comigo ao longo de todo o meu processo de intercâmbio. Vocês me fizeram sentir mais segura em lançar-me nestas aventuras.

Ao professor da História da UFRGS, Marcus Vinícius Rosa, que tenho o privilégio de ter como banca de meu TCC e que é uma referência para nós alunos negras e negros dessa universidade.

Às intelectuais negras que rompem com as estruturas do racismo através da seus escritos Lélia, Conceição e Grada. Vocês foram minhas inspirações para a escrita do meu trabalho e para meu fazer enquanto psicóloga.

SUMÁRIO

PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO E AS CONEXÕES QUE ME LEVARAM ATÉ O MÉXICO	11
DESLOCAMENTOS GEOGRÁFICOS: ENCONTRO DAS EXPERIÊNCIAS COM AS PALAVRAS	16
2. 1 Um encontro com a palavra Afromexicano	20
AUSÊNCIAS VERSUS PRESENÇAS	23
3.1 San Juan de Ulúa: o que as paredes contam	27
NEGRO YANGA: MUITAS VOZES ECOAM DE UM	32
COSTA CHICA: SUBJETIVIDADES DESESTABILIZADORAS	36
5.1 Sujeitos Políticos: da Invisibilidade ao Reconhecimento Constitucional	42
CARTAS E SEUS ENDEREÇAMENTOS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é parte de um processo de aprendizado, onde o encontro entre as experiências e as palavras entrelaçam minha escrita como encerramento de um percurso, ao findar o curso de Psicologia. É uma escrita na qual compartilho minha vivência de mobilidade acadêmica no México – onde vivi durante um ano (agosto de 2017 a julho de 2018) – tendo como objetivo a aproximação com a temática que envolve a população afro-mexicana. Eu me aproximo deste tema a partir de perguntas em torno da identidade que constitui negras e negros naquele país, buscando compreender que arranjos subjetivos são possíveis de existir no contexto mexicano, que histórias emergem sobre a presença negra no país, e que narrativa eu, como viajante, poderia trazer para relatar o meu trajeto pelo México em busca desses afro-mexicanos.

Estruturei o presente trabalho a partir de meu diário de viajante, trazendo alguns trechos escritos ao longo da viagem, que considere importantes de compartilhar, bem como alguns escritos atuais de questões que foram amadurecendo do ponto de vista analítico e conceitual. Entendo que tal experiência foi muito particular para mim, sendo intensa em descobertas, e a proposta desse estilo de escrita me permitiu uma linguagem em primeira pessoa, com impressões e particularidades muito subjetivas, através de um recurso que esteve presente comigo nos melhores e piores momentos da viagem: o meu diário.

O diário de campo como ferramenta de produção de conhecimento não é uma novidade. Trata-se de uma antiga forma de retratar a experiência a partir da análise de implicação do viajante com aquilo que observa. Escolhi o diário como método para narrar essa história de encontro com os afro-mexicanos, pois penso que, como forma de comunicar uma experiência particular, como o intercâmbio, e uma temática tão coletiva, como a racial, ele tem grande potência na medida em que permite conectar os atravessamentos históricos e pessoais de um viajante em uma linguagem convidativa para aqueles que acompanham a narrativa partilharem o percurso.

Dessa forma, vou compartilhando ao longo dos capítulos minha chegada, os caminhos que percorri, traçando um mapa pelos territórios, os efeitos da viagem em mim, e, por fim, algumas cartas que pensei terem sentido de serem endereçadas aos afro-mexicanos bem como a autores e autoras que agregaram sentido à experiência descrita. Além da escrita, apresento algumas fotos que fiz ao longo da viagem, que compõem a narrativa das histórias que exponho. Para preservar a identidade das pessoas que conheci e que se disponibilizaram a serem fotografadas, decidi não apresentar fotos de pessoas, mas sim dos locais que percorri.

Exceto quando trago uma foto que foi tirada durante uma apresentação musical de rua. Optei por trazer as referências bibliográficas utilizadas em notas de rodapé, pois, no processo de escrita, senti que as citações usuais, ao longo do texto, prejudicavam a fluidez da escrita e a proposta narrativa que decidi adotar.

Enquanto mulher negra e, logo em breve, psicóloga, percebo nesse processo de escrita a potência do meu lugar de fala em situar este saber produzido fora do lógica do epistemicídio – que deslegitima produções negras– ao corroborar para o fim do silenciamento de minha voz, assim como de tantas outras vozes negras no espaço acadêmico. Este é um trabalho, portanto, que se soma aos esforços de romper com um modo hegemônico de fazer ciência, lançando luz à minha vivência e sobre um grupo historicamente invisibilizado no México, os afro-mexicanos.

Nessa lógica, busquei como referência metodológica a escritora brasileira Conceição Evaristo e seu conceito de *escrevivência*¹ onde encontrei uma poderosa ferramenta de escrever e viver ao olhar para meus semelhantes. Tal conceito cunhado pela autora diz respeito a uma escrita que é, a uma só vez, coletiva e localizada no corpo e experiências das mulheres negras. Uma maneira de dar vazão à voz narrativa de histórias sobre algo de fora, ao mesmo tempo em que incorpora as próprias vivências da narradora. Uma voz que se propõe a extrapolar um sujeito singular, e falar de/por um nós, mulheres negras.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, histórias íntimas, que marcam possibilidades de modos de existir, e que são também histórias muito coletivas. Assim sendo, a *escrevivência* é uma ferramenta metodológica para a produção de conhecimento, como resistência e provocação a uma produção científica hegemônica, marcadamente branca e eurocêntrica, como um sinal da virada epistêmica de ética engajada à militância nos escritos e movimentos políticos de mulheres negras².

Algumas leituras que fiz ao longo deste ano atípico de 2020 também colaboraram para que eu optasse por esse estilo de escrita, ao me fazerem enxergar a possibilidade de narrar a minha experiência em um estilo literário, de modo que tivesse a ver com meu jeito de escrever, sentir e viver aquilo que construo através das palavras. Nessas leituras potentes, autoras negras como Conceição Evaristo, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez se destacam, evidenciando em meu fazer psi e pesquisadora que nós negras e negros necessitamos cada vez mais narrar nossas próprias histórias, nos posicionando enquanto protagonistas de nossas

¹ Conceição Evaristo, *Becos da Memória*. Editora Pallas, 2019.

² Lissandra Vieira; Paula Sandrine Machado. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

vidas, em contraponto à condição que o racismo e colonialismo quer nos lançar: aquela em que somos destituídos desse poder narrativo, do poder de determinar nossas realidades.

Em um país de dimensões continentais, não seriam as desigualdades pequenas, ainda mais para quem é jovem negra(o) e pobre. O racismo e o colonialismo, que, no decorrer de séculos, cercearam as oportunidades de pleno desenvolvimento da vida, dos desejos, de cidadania da população negra, são obstáculos que, em minha concepção, podem ser enfrentados através de um caminho potente como a educação. Os percursos que trilhei através da educação foram aqueles que proporcionaram o fortalecimento de minha autonomia, da minha emancipação, do meu crescimento pessoal e de múltiplas descobertas. Esse foi o caminho que eu encontrei para chegar até aqui e que compõe a escrita deste TCC.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira:

No capítulo 1, apresento o programa que oportunizou minha experiência de internacionalização, bem como alguns dados iniciais sobre os afromexicanos no período em que estava me aproximando da temática. Apresento, ainda, algumas autoras que inspiraram o presente trabalho através de algumas considerações conceituais.

No capítulo 2, apresento considerações sobre o deslocamento até o México e de que forma a experiência suscitou conexões com a escrita do trabalho.

Nos capítulos 3 e 4, apresento meu diário de viagem relativo ao período em que estive realizando trabalho de campo no porto de Veracruz e na comunidade de Yanga, onde situo alguns aspectos do processo de invisibilização do povo negro, falando da dinâmica percebida entre ausências e presenças.

No capítulo 5, compartilho meu diário de campo sobre a Costa Chica de Guerrero e Oaxaca, apresentando alguns aspectos sobre as expressões culturais regionais e as lutas sociais travadas por afromexicanos através de organizações comunitárias. E, por fim, no capítulo 6, apresento as cartas que enderecei aos afromexicanos, às autoras Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Grada Kilomba, que foram minhas principais referências teóricas na construção do trabalho. Despeço-me, finalmente, com uma carta ao saudoso Abdias Nascimento, onde trago algumas palavras sobre o programa que leva seu nome, traçando minhas considerações finais deste trabalho que se funda na experiência de mobilidade que vivenciei enquanto estudante negra.

Cabe, ainda, elucidar que as cartas estarão ao final do trabalho na versão PDF. No entanto, na versão impressa, estarão anexadas separadamente, podendo ser acessadas a qualquer momento da leitura do TCC e em qualquer ordem.

1. PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO E AS CONEXÕES QUE ME LEVARAM ATÉ O MÉXICO

Em agosto de 2017, tive a grande honra e satisfação de participar do Programa de Desenvolvimento Acadêmico – que leva o nome do grande intelectual e militante do povo negro, Abdias Nascimento – para realizar um período de estudos no exterior. O Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento (CAPES/SECADI), iniciado em 2013, teve por objetivo oportunizar a internacionalização de estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas em instituições de ensino superior no exterior, a fim de fomentar produções epistemológicas afrodescendentes e ameríndias, impulsionando o desenvolvimento acadêmico e pessoal de estudantes, bem como o fortalecimento da internacionalização em programas de pesquisa na pós-graduação, através da experiência de ser uma/um pesquisadora/or.

O referido edital foi um passo importante no sentido de refletir sobre a experiência desses estudantes no espaço acadêmico, para além do ingresso em uma IES, no que se refere ao desenvolvimento de habilidades e expansão de possibilidades de existir e de fazer ciência. Entretanto, ele não segue mais vigente, sendo uma perda muito grande em relação a oportunizar tal experiência para que mais estudantes pudessem vivenciar esse processo de caráter transformador no âmbito do ensino e da pesquisa.

É importante mencionar o quão imprescindível é a existência de editais de mobilidade acadêmica sensíveis e comprometidos às particularidades de estudantes negros e indígenas que ingressam no ensino superior, porque esses não usufruem das mesmas vantagens que estudantes brancos e de classes econômicas dominantes possuem, sendo a fluência em uma língua estrangeira uma delas. Tal vantagem tem efeitos, por exemplo, em editais que requerem proficiência em um idioma (antes mesmo que esse estudante possa ter contato com outra cultura), exigência que acaba tornando o processo excludente para estudantes negros, indígenas e pobres, ao invés de serem oportunidades de desenvolvimento.

No meu caso, que não falava espanhol, a experiência do intercâmbio com bolsa foi a oportunidade de construir essa fluência linguística, retornando, um ano depois, falando, lendo, compreendendo e escrevendo o espanhol. Algo que não seria possível dentro dos parâmetros dos demais editais que a universidade ofertava, já que exigiam, de saída, um certo domínio ou familiaridade com o idioma.

A partir do convênio entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil) e o Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social

(CIESAS/México), ingressei, portanto, através do projeto “Diálogos interculturais: Patrimônios epistemológicos ameríndios e afrodescendentes”, sob coordenação do professor convidado Dr. Sergio Baptista da Silva (Departamento de Antropologia-UFRGS), na experiência de graduação sanduíche. O projeto esteve situado no campo da antropologia e dos estudos etnológicos indígenas e afro brasileiros, incentivando a produção de pesquisas que fomentavam a produção epistemológica de afrodescendentes e ameríndios.

Dentre as atividades a serem desenvolvidas estava a construção de um estudo etnográfico a partir da temática que elegeisse em torno dos povos originário e afrodescendentes, de modo a construir todo o processo de revisão bibliográfica, construção do problema de pesquisa, saída de campo e após a análise dos dados coletados. Questões que vou complementar mais adiante no trabalho. Assim sendo, desenvolvi um projeto de pesquisa que objetivou conhecer as dimensões das relações étnico-raciais no país acerca da população afro-mexicana, cujos desdobramentos deram origem a este trabalho de conclusão de curso, onde articulo minhas referências teórico-analíticas e metodológicas da Psicologia e as muitas contribuições que a Antropologia me apresentou, em minha primeira aproximação com esse campo de saber.

Cabe ressaltar que a participação no projeto foi um desafio, pois eu não possuía muitas concepções sobre a temática racial mexicana, em comparação com a apreensão que tenho do contexto brasileiro. Dessa forma, as coisas foram caminhando em um sentido de descoberta e aprendizados no decorrer de todo o ano que vivi no país. O que pretendo desenvolver no presente trabalho carrega, assim, o caráter de restituição à universidade desse meu percurso, apresentando quem são esses afro-mexicanos, suas histórias, sua cultura e lutas sociais. Escrevo sobre um campo que ainda é uma descoberta contínua para mim, onde encontrei perguntas que não necessariamente foram respondidas, resultado de encontros entre ausências e presenças que fui identificando ao longo do processo, como retomarei adiante.

Em todo o período em que estive vivendo na Cidade do México, as pessoas me perguntavam o que eu estava fazendo ali, e eu logo explicava que estava em mobilidade acadêmica para construir um estudo a respeito da população negra mexicana, e, na maioria das vezes, era interpelada pela observação de algumas e alguns mexicanos:

“Não existem negros na Cidade do México”

“Não houve escravização de africanos na Nova Espanha”

Essas considerações sempre me deixavam desconfortável, pois me remetiam a uma tentativa de apagamento da história de africanos e descendentes que chegaram naquelas terras. O México, assim como toda a América Latina, foi constituído sobre a escravização de africanos e indígenas, e isso não era uma invenção minha, mas parte da história.

Minha orientadora no CIESAS México — a professora Dra. María Regina Martínez Casas — logo de antemão me alertou sobre o grave processo de invisibilização que a população negra mexicana sofria no país, sendo esse um processo de séculos, produzido, segundo ela, pelo racismo estrutural e institucional da sociedade mexicana.

Exposto isso, busquei algumas referências sobre o que é o racismo estrutural, encontrando um conceito que pudesse ser aplicável ao contexto mexicano, como o apresentado pelo professor Silvio Almeida, em que é possível afirmar que o racismo estrutural é uma constante forma de violação com que as sociedades organizadas sob um regime colonialista que oprimem os povos negros e indígenas, de modo sistemático, sendo este fenômeno parte de um processo social e político que cria mecanismos para que pessoas negras e não brancas sejam discriminadas de maneira contínua através da sua raça/cor da pele³.

Minha orientadora me aconselhou a primeiramente conhecer a história afromexicana e as nuances do racismo no México, e, posteriormente, fazer algumas saídas de campo para ter um contato presencial com as pessoas e suas realidades. Apresentou-me um dos estudos pioneiros sobre a população negra mexicana, realizado pelo antropólogo Gonzalo Aguirre Beltrán, através do livro *La población negra en México*⁴, de 1946. Gonzalo já apontava um número expressivo de africanos sequestrados de seu continente de origem, ingressados na Nova Espanha, nos primeiros séculos da expansão colonial. Através do levantamento etno histórico realizado, e de estudos contemporâneos, é possível apontar que aproximadamente 250 mil⁵ africanos chegaram ao México, somente pelos registros oficiais das aduanas. Apesar do número expressivo de africanos escravizados, muitos mexicanos e mexicanas desconhecem essa parte da história da conformação do país, porque é pouco mencionada, assim como não ganha visibilidade nos livros didáticos, nos museus, nos discursos. Um fragmento do lugar de silenciamento que o México concedeu a pessoas negras e que ainda precisava ser evidenciado.

³ Silvio Almeida, *Racismo Estrutural*, Editora, Pólen Livros; 1ª Edição, 2019.

⁴ Gonzalo Aguirre Beltrán, *La población negra en México*. 2ª. México, Fondo de Cultura Económica, 1972.

⁵ Velazquez, María Elisa. *Afrodescendientes en México: una historia de silencio y discriminación*. 1ª. México, Conapred/INAH, 2013, p.65.

Percorri, assim, alguns territórios em busca desta história pouco narrada, traçando um percurso que me levasse ao encontro dessa memória, das pessoas e sua cultura. Busquei o porto de entrada de africanos, procurando elementos da memória histórica desse período de auge das engrenagens da escravização. Procurei pessoas que pudessem narrar suas histórias através de sua presença e subjetividade. E, por fim, durante o período de mobilidade acadêmica, busquei elementos culturais que expressassem a história e subjetividade de negras e negros, afirmando sua presença e existência.

Via como algo importante retomar a história de como as pessoas negras chegaram naquele território e que desdobramentos sucederam desse processo. Dessa forma, fui mapeando os locais mais emblemáticos para contar essa história, organizando meu trajeto de modo a revisitar os percursos feitos por africanos e seus descendentes. Tinha o desejo de encontrar rostos que colorissem e dessem vida a uma história abstrata que os textos foram me contando, tendo contato com as vozes que emergem desses territórios através das pessoas.

Visitei os estados de Veracruz e Guerrero, passando pelas cidades portuárias e comunidades pequenas, ainda que grandes em população negra. O que me guiou para mapear esse percurso foram os textos que li e os dados do último censo populacional (2015), que apontou os municípios de maior população afromexicana. Tal levantamento sociodemográfico foi o primeiro a considerar a categoria afrodescendente/negro na pergunta sobre autodeclaração étnico-racial. O censo evidenciou que 1.38 milhões de pessoas se identificavam enquanto afromexicanos (ou afrodescendentes), um número que representa 1,2% da população nacional, sendo os estados de Guerrero, Oaxaca e Veracruz, os de maior população autodeclarada afromexicana.⁶

Durante o percurso do intercâmbio, fui me movendo pelos estados considerando esses dados e me perguntando: como tornar-se sujeito de uma subjetividade negada? Como tornar-se negro no México? Uma problemática que agora recupero neste trabalho e que me acompanhou por toda a travessia, articulando as questões de produção de subjetividade à minha experiência de estudante de psicologia, na qual tensionava a dinâmica de sujeito e objeto. Em *Erguer a voz*, bell hooks fala que ser sujeito em nossa sociedade passa pelo “direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”⁷. Nesse sentido, reconhecer as histórias que emergem a partir dos

⁶ Instituto Nacional de Estadística y Geografía, Encuesta Intercensal 2015. Perfil sociodemográfico de la población afrodescendiente en México, INEGI, México, 2017.

⁷ bell hooks. *Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante, 2019.

afromexicanos, é justamente tensionar a tentativa racista de desarticular as pessoas de suas histórias, da nomeação de suas experiências, rompendo com o silêncio objetificante.

Somos todos sujeitos sociais, e construímos nossas identidades no âmbito da cultura e da história. A nossa identidade racial, de gênero, de nacionalidade, é constituída sob a composição de múltiplas identidades que nos fazem sujeitos. Desta forma, quando me refiro a identidade é do ponto de vista da identidade racial. E o poder de definir a própria identidade, com efeito que é poder reconhecer-se, e, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência⁸.

Eu, enquanto narradora, da mesma forma, vou rompendo com essa lógica, inscrevendo minhas experiências e nomeando minhas próprias histórias. Duas autoras foram muito importantes nesse processo de construção narrativa e de afirmação da subjetividade que figuram na retomada da experiência da mobilidade acadêmica para este TCC: a Grada Kilomba e a Lélia Gonzalez. Grada, porque contextualiza o colonialismo em nossa linguagem e a produção de uma condição de outridade das pessoas negras operada através do racismo, onde somos narrados pelo branco, como se não pudéssemos falar em nome próprio. Em outras palavras, a autora argumenta o quanto as pessoas negras são sempre lançadas à condição de um Outro e não de um Eu, propondo um movimento de apropriação da nossa própria história e narrativa enquanto sujeito, protagonizando cada vez mais nossas realidades através da autoria, da narrativa⁹. O que me fez pensar sobre a importância de fazer este trabalho a partir da minha experiência de vida.

A Lélia, através do seu conceito da categoria político-cultural da Amefricanidade¹⁰, trouxe uma compreensão de uma dimensão intercontinental que nós descendentes de africanos em América compartilhamos, através de uma experiência subjetiva muito singular e coletiva, de sul a norte do continente, onde a resistência perpassa os nossos novos modos de produzir existências.

Exposto isso, passo em seguida a apresentar minhas anotações e memórias que compuseram meu diário de viagem, para, posteriormente, oferecer algumas cartas, nas quais expressei algumas das reverberações dessa experiência em meu retorno ao Brasil.

⁸ Nilma Lino Gomes. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

⁹ Grada Kilomba. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019.

¹⁰ Lélia Gonzalez. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1988. Pág. 69-82.

2. DESLOCAMENTOS GEOGRÁFICOS: ENCONTRO DAS EXPERIÊNCIAS COM AS PALAVRAS

Uma viagem tem consigo o potencial de fazer conhecer, descobrir, redescobrir-se. Isto porque é no deslocamento, quando saímos de um cenário habitual, onde tudo é conhecido e naturalizado, que nos deparamos com uma nova cena e atentamos às novidades. Novos personagens, novas histórias, novas paisagens e uma nova ótica em nós mesmos. No deslocamento, nos afastamos daquilo que é familiar, para observar com um olhar de fora que permite fazer emergir outras reflexões e perspectivas. Faz-se uma abertura da sensibilidade aos aspectos ainda não conhecidos, de modo a ser uma experiência de reconhecimento sobre o que estamos assimilando. A viagem surge como uma experiência de aprendizagem, na qual somos forçados a pensar de uma forma distinta, tendo efeitos sobre nossa potência de problematização através do estranhamento do viajante¹¹.

Pode-se dizer que a viagem tem por efeito descobrir-se outro, porque a experiência do deslocamento muda algo em nós, agrega algo à nossa própria história, como o psicanalista Christian Dunker traz em seu último livro¹². Desse modo, partimos de um jeito e retornamos de outro ao nosso local de origem, como o que passou comigo em meu deslocamento rumo à Cidade do México e retorno ao Brasil.

Os deslocamentos ocorrem não somente pela mudança de um cenário, ou das pessoas ao nosso entorno, mas se dá, sobretudo, pelas palavras. Ainda mais quando as palavras que encontramos neste novo destino são proferidas em um outro idioma, de fonemas e significações diferentes da língua materna, tão familiar. O México, na minha experiência, entre muitos contrastes, conduziu-me pelas palavras e pelo espanhol, configurando uma nova forma de viajar e dar sentido ao que vivia.

A viagem não acaba no retorno ao nosso local de partida, mas segue em nossa história de vida, numa composição narrativa sobre o que foi vivido, atualizando a experiência. Pouco mais de dois anos após o retorno ao Brasil, construo esta narrativa sobre o que trouxe comigo do México junto à minha bagagem de vida: parte do que buscava conhecer sobre os afromexicanos em minha primeira viagem ao exterior. Nesse retorno, após algum tempo decantando as vivências, é quando sinto que as palavras produzem encontros com as minhas

¹¹ Kastrup, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em Estudo*. 2001, p 17-27.

¹² Christian Dunker Cláudio Thebas. *O palhaço e o Psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas*. São Paulo, Planeta do Brasil, 2019.

experiências, costurando uma história que pode ser transmitida sobre o que um dia foi recolhido em sentimento, sensação e descoberta.

A chegada ao México foi como um rompante de cores vivas na monotonia cinza da rotina, tendo por efeito pintar uma nova cena em torno de mim: uma viajante, mulher, negra, acadêmica de psicologia, e com nenhuma fluência no espanhol. O horizonte, que, em Porto Alegre, já parecia ser grande para mim, ampliou-se sobremaneira, desafiando meus olhos até onde poderiam alcançar. Como uma aquarela de cores, o México apresentou-se em muitos sentidos, envolvendo olhos, ouvidos, paladar e tato, caminhando todos, rumo a essa descoberta sensorial, interior, e, ao mesmo tempo, no exterior. Internacionalizar-se! Essa era a palavra.

Refletindo hoje sobre a experiência de **internacionalização** - a qual dá origem a esse trabalho que ocorre com o deslocamento - posso compreender que, entre tantas coisas que compuseram esse processo, uma latente e pulsante foi a bagagem. Não aquela em seu sentido literal, mas, metaforicamente falando, a nossa bagagem subjetiva que parte cheia de expectativas e retorna ainda mais repleta de elementos. Há a bagagem que vai e há também a bagagem que volta. Detenho-me, nesse momento, a falar da primeira, a qual antecedeu a partida quando o México em minha mente era apenas imaginário.

Existem múltiplas formas de viajar e muitos objetivos quando se viaja. Assim sendo, o que se traz de uma viagem depende, sobretudo, do objetivo com que se embarca nela. O objetivo da minha ida ao México foi construir um estudo, desde o ponto de vista etnográfico, sobre a população negra no país. A etnografia a qual me refiro é situada em meu trabalho como um processo guiado sobretudo pelo meu senso questionador enquanto etnógrafa¹³, em caráter experimental, longe de padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim em consonância com o campo que fui descobrindo, no contexto social mexicano. Para tanto, dispus de visitas aos locais históricos, conversas com atores sociais, visitas a museus, fotos, e o olhar aguçado de viajante.

Nesse ponto inicial da jornada, estava preocupada em encontrar tais elementos para compor a pesquisa. Minha bagagem de ida carregava dúvidas nesse sentido e muitas expectativas quanto ao que iria encontrar por lá. Eu não possuía muitos elementos sobre como as relações raciais se davam. Fiz uma breve pesquisa na internet buscando algumas informações que pudessem me nortear em relação aos meus estudos. Nessa busca, encontrei um vídeo, produzido pelo Conselho Nacional para Prevenir a Discriminação no México

¹³ Carmen de Mattos. A abordagem etnográfica na investigação científica. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande, 2011. pp. 49-83.

(CONAPRED), que fazia parte de uma campanha contra o racismo. No vídeo, era apresentado um experimento social, no qual eram mostrados um boneco negro e um branco para crianças mexicanas, fazendo-lhes perguntas sobre qual era bom ou mal¹⁴. O material viralizou mundialmente, expressando o racismo entorno do boneco negro, que, em todas as ocasiões, foi associado a signos negativos pelas crianças, mesmo quando não eram brancas.

Foi um termômetro ver esse vídeo, pois apontava para a realidade muito semelhante nos países latinoamericanos, com histórias bastante parecidas de sociedades construídas através do colonialismo e do racismo, em que as características associadas às pessoas negras são sempre relacionadas a estereótipos de animalização, de suspeito, numa condição sub humana, e a branquidão à moralidade, a bondade e a própria humanidade.

A minha aproximação com a antropologia teve um caráter de experimentação bem interessante. Cursei uma disciplina ministrada sobre a temática de Linguística Indoamericana, em que eram abordados conceitos sobre metodologia de trabalho de campo através da observação participante. Meus colegas de turma eram todos indígenas, de diversas partes do México e falantes de diversas línguas indígenas, o que por si só já representou bastante para mim, pois era uma sala de aula muito distinta da que eu frequentava no Brasil, onde não tive nenhum colega indígena ao longo do meu curso de Psicologia.

Entre as atividades que a disciplina oportunizou, houve uma saída de campo em uma comunidade indígena da etnia *Purepecha*, localizada no estado de Michoacán. Para vivenciar o processo de construção de um trabalho etnográfico de aproximação com as comunidades, acompanhamos por três dias a comunidade nas festividades e tradições com que vivenciam o *día de los muertos*¹⁵. Foi um momento muito marcante a estréia enquanto observadora participante, porque estive ao longo desses dias participando de todo o processo de mobilização da comunidade na construção dos altares e seus adornos, para receberem a visita da alma de seus entes queridos. Tomei notas, fotos, conversei com homens e mulheres sobre o sentido que empregavam a cada ritual, cada flor de *cempasúchil*¹⁶ que enfeitavam as casas, ou *pan de muerto*¹⁷ que ofereciam aos visitantes que prestavam homenagem aos falecidos.

¹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=YJkdEKwEv0o&ab_channel=teleSURtv
(Experimento racismo no México)

¹⁵ O Dia dos Mortos no México é uma importante marca cultural fortalecida por comunidades indígenas, em que tradições de enfeitar a casa e construir altares em homenagem aos entes queridos falecidos, se manifestam em caráter de celebração. Acredita-se que no dia 2 de novembro as almas retornam para visitar seus familiares.

¹⁶ O *cempasúchil* vem da palavra nahuatl *cempōhualxōchitl*, que significa “flor de vinte pétalas”. Ela é utilizada para adornar o túmulo de entes queridos porque acreditava-se que possuíam a capacidade de manter o calor do sol e iluminar o caminho de regresso das almas.

¹⁷ Um pão doce em forma circular cuja simbologia representa o ciclo da vida e da morte, sincretizados pela cultura pré-hispânica e colonial.

Através dessa estreia, pude ir mapeando como faria o contato de aproximação com as comunidades negras que visitaria, entendendo a importância do processo de observar e participar das atividades vivenciadas, do olhar e da escuta atenta aos detalhes.

Eu não compreendia muito dos conceitos usados e metodologias de produção de conhecimento, e me vi estudando e me lançando nesse campo da etnografia. Essa articulação entre a psicologia e a antropologia se deu por conta de um convênio entre a minha universidade e o centro de antropologia mexicano - o CIESAS, onde fui orientada ao longo do estudo. A antropologia é o campo de conhecimento que mais se debruçava sobre os estudos afromexicanos, então, nesse sentido, foi bem importante esta interface e representou um enlace entre as minhas concepções teóricas de estudante de psicologia no campo de produção de subjetividade, e o encontro com a bibliografia sobre a história das pessoas negras naquele país, pela via da antropologia e, posteriormente, através das saídas de campo.

Tive sorte nesse sentido, mas, ao mesmo tempo, me questionava sobre o porquê a psicologia mexicana estava negligenciando essa temática super importante ao pensar os sujeitos na sociedade. Do mesmo modo, uma preocupação ao longo da minha estadia era se as coisas que eu lera e presenciara articulariam sentido na psicologia, sobretudo no meu retorno. Resolvi seguir, contudo, nesse tom de experimentação, de descoberta, que era o tom de todo percurso.

Ao longo do que eu ia descobrindo, lendo, e vivenciando através das viagens que fiz, partia da perspectiva de meu olhar, atribuindo através dele múltiplas formas de ver. A minha subjetividade esteve presente ao longo do percurso, dando sentidos através das palavras partilhadas comigo acerca da presença negra no México. Penso ser importante mencionar que minha perspectiva para essa questão é um olhar **estrangeiro**. E a posição de estrangeira na qual me enuncio, não é de qualquer lugar do mundo, senão o Brasil - país com maior população negra no mundo fora do continente africano¹⁸. Um olhar atravessado por uma outra conformação cultural, um outro idioma, uma outra história, uma outra geografia, etc. Como Patricia Hill Collins situa, ser um estrangeiro é dotar da habilidade em ver padrões que dificilmente podem ser percebidos por aqueles imersos nas situações, porque existe uma experiência de estranhamento¹⁹.

Escrevo a partir da subjetividade de uma mulher brasileira, negra, estudante de psicologia, que entende as relações raciais no Brasil de uma forma muito particular, a partir

¹⁸ Um passeio africano pela cidade mais negra do Brasil. Texto recuperado da internet disponível em <https://p.dw.com/p/173Dd>

¹⁹ Patricia Hill Collins. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 janeiro/Abril 2016.

da minha própria implicação com este tema. Importante situar que minha experiência enquanto negra se dá no Rio Grande do Sul, estado localizado na região sul do Brasil, cuja história é marcada pela imigração de italianos e alemães. Tais migrações produziram efeitos sobre a identidade regional, que se expressa através de uma valorização de aspectos culturais e fenotípicos brancos e eurocêntricos, invisibilizando a presença de outros grupos como negros e indígenas na conformação do estado.

É importante de mencionar tais elementos em meu percurso, porque, durante muito tempo, me vi comparando as duas realidades, até conseguir em alguma medida me afastar da realidade da discussão de raça no Brasil, para aprender o que o México tinha a me ensinar acerca da população afro-mexicana, e também como as mexicanas e os mexicanos percebem a discussão de raça e de racismo. E, nessa abertura, tive muitos aprendizados os quais me permitiram, entre outras coisas, retomar o debate sobre relações raciais no Brasil com outras linhas de análise.

2. 1 Um encontro com a palavra Afro-mexicano

Quando cheguei no México, no dia 11 de agosto de 2017, não fazia a menor ideia da grandiosidade do país que me acolheria em minha primeira aventura fora do Brasil. Tal grandeza à qual me refiro pode ser considerada em diversos aspectos, pois tudo que se materializava diante de mim, desde minha saída do aeroporto até poucos dias antes de meu regresso, foram infinitas descobertas. Uma geografia completamente desconhecida, de um país situado na América do Norte, mas que em nada fazia lembrar qualquer vaga impressão do que construí em meu imaginário a respeito dos países norte-americanos. O México era indiscutivelmente latino pela sua característica multiétnica (visivelmente indígena), desde as cores, que se apresentam nas vestimentas tradicionais, assim como na pele da população mexicana, que em seus traços anunciavam, ainda que implicitamente, a ascendência indígena fusionada em milhares de rostos que percebia em meu entorno. O meu primeiro pensamento na saída do aeroporto foi esse: O México é indígena e eu nunca soube disso.

Meus ouvidos aos poucos foram se acostumando à sonoridade do espanhol e das diversas línguas de etnias indígenas faladas na maior cidade da América Latina. Nahuatl, Mixteco, Otomí, entre outras, formam parte dos idiomas mais falados depois do espanhol. Um desafio imenso para quem chegou no país falando apenas português, arriscando um

portunhol que se dissolvia de vergonha frente a sua completa incompreensão para os mexicanos. Detive-me muito nesta consideração do México enquanto um país indígena, pois juntamente com uma população visivelmente marcada com traços e as culturas vivas, destoava completamente da compreensão da vivência em minha cidade, onde pouco tive contato com os povos originários e sua cultura.

O que eu conhecia do México através das novelas, dos músicos e apresentadores de televisão, não refletiam essa ascendência indígena que percebi desde a minha chegada. A representação que o país transmite através de veículos de comunicação, internet e telenovelas, remetiam às pessoas brancas. Esse ocultamento de uma característica fenotípica indígenas das posições de representatividade, falam do caráter racista com o qual as relações raciais estão estruturadas na sociedade. De modo em que pessoas brancas ascendem às posições de representação e de poder, ao passo que grupos racializados, como indígenas e negros são invisibilizados - nada muito diferente do que ocorre no Brasil.

Pouco a pouco fui me adaptando e me aproximando do contexto social que tudo aquilo representava. Além da negação da forte presença indígena no país, me parecia haver um outro não dito, agora sobre a negritude. Seguindo essa impressão, que posteriormente se confirmou com as leituras que encontrei, me vi em busca de pistas de uma presença negra, preta, potente, que outrora estava ali, mas que, de alguma maneira, no transcorrer de séculos, fora apagada de todos os modos possíveis, sobrando apenas os rastros. Fui conectando os fragmentos que essas pistas indicavam para conseguir montar esse quebra cabeça.

Talvez o maior desafio encontrado sobre o tema no qual me dispus a pesquisar, fosse não me render à constante produção social que invisibilizava a população negra e que produzia a estranha sensação de que não existiam negros no México, sobretudo quando estava na Cidade do México. As ausências na história, nas narrativas de mexicanos, paradoxalmente, eram a força motriz que me impulsionava a buscar pela presença. Conduzida por essa força, minha experiência encontra a palavra **Afromexicanos**, enlaçando-a ao meu vocabulário, na minha escrita, atribuído da importância de seu significado para as pessoas negras que são daquele pedaço de terra, daquela geografia, daquela nacionalidade.

Foi um encontro que produziu movimento, que produziu questionamento, entre outros elementos porque, no Brasil, nós dificilmente usamos a expressão afrobrasileiro para nos referirmos a um brasileiro negro. Em geral, usamos negro ou preto. Ninguém questiona a nacionalidade de um negro no Brasil: não é necessário reafirmar que um negro é brasileiro todas as vezes que se faz referência a um negro brasileiro. No México, contudo, essa expressão tem um outro peso e significação, pois, infelizmente, não é óbvio para todos os

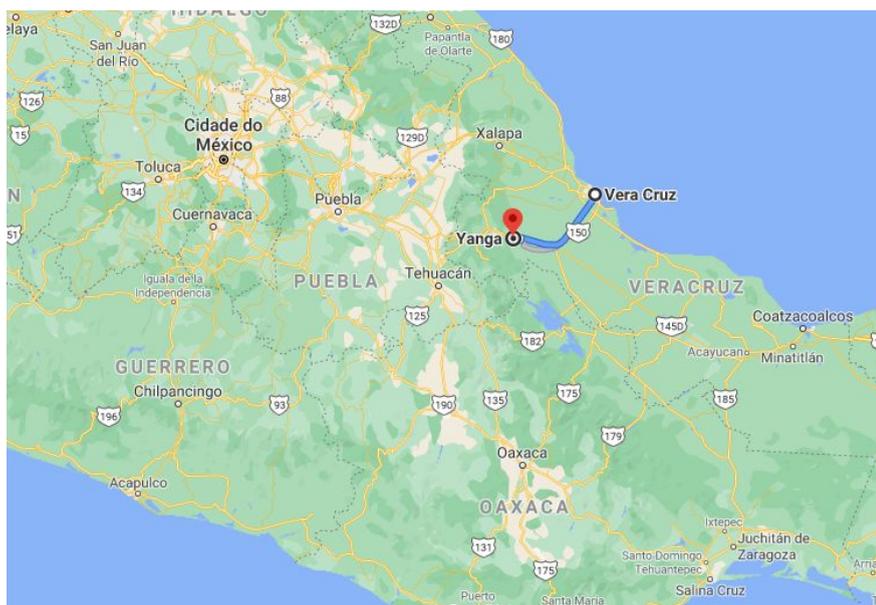
mexicanos que pessoas negras possam ser naturais de lá. Existe uma sociedade mexicana que enxerga a população negra enquanto estrangeiros em seu país, como se fossem migrantes de países da América Central.

Afromexicanos é uma expressão que significa não ser estrangeiro, ser nativo, fazer parte da história e raízes do país. Foi assim que eu também a signifiquei em minha experiência, como a afirmação de uma identidade subjetiva que fala através de um lugar de pertencimento. Significa ser de um lugar. Ser negro e ser mexicano. Existir através de duas identidades simultaneamente e, ao mesmo tempo, afirmar-se como um, como sujeito singular.

A experiência de ser uma pessoa negra, seja no Brasil ou no México, não é algo linear, porque a construção de uma identidade negra é algo que se forja a partir de diferentes elementos que englobam o contexto social e histórico em que estamos inseridos e nossas múltiplas vivências. Como a psicanalista Neusa Santos Souza disse, o negro se torna negro²⁰. Torna-se a partir de um arranjo subjetivo com o qual constrói sua identidade, sua narrativa. Pode-se afirmar ainda que raça, gênero, sexualidade, classe social, são marcadores sociais da diferença²¹, que se articulam dentro dessa experiência, produzindo formas de existir e tornar-se negro. O termo Afromexicanos reivindica, assim, uma história de pertencimento, e ao descobrir isso, era importante para mim materializar geograficamente os espaços que ia percorrendo e que faziam parte da história dessas pessoas descendentes de africanos, que por ali também atravessaram caminhos até seu estabelecimento na terra. A antropologia, nesse sentido, teve um papel fundamental, pois documentou tais percursos em estudos pioneiros que se ocupavam de conhecer melhor o povo negro. Minha orientadora no México, sugeriu que eu iniciasse minhas saídas de campo a partir de Veracruz, onde essa história inicia. Organizei um mapa dos percursos que faria, iniciando pelo porto de Veracruz e Yanga, cidades e vilarejos que ficam no estado de Veracruz. Em cada uma dessas paradas, aprendi com as pessoas, com a história, mas, sobretudo, com o silêncio. Um silêncio abissal sobre a negritude mexicana, sobre a história e a subjetividade negra no México.

²⁰ Neusa Santos Souza. Tornar-se negro. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.

²¹ Avtar Brah. Diferença, diversidade, diferenciação. 2006. p 329-376.



Fonte Google Maps Porto de Veracruz e a Cidade de Yanga obtido pela autora em 01/11/20.

3. AUSÊNCIAS VERSUS PRESENÇAS

Era maio de 2018 quando cheguei ao Porto de Veracruz. Carregava minha mochila nas costas e, sobre a cabeça, as expectativas. Trazia comigo também minha câmera, que foi uma grande aliada na excursão registrada através de imagens, quando as palavras me faltavam ou não davam conta de expressar a totalidade do que ia percebendo. Eu buscava por elementos no porto que fizessem referência à presença negra, alguma menção sobre este importante lugar que foi considerado um dos sítios de memória da escravidão pela UNESCO em 1994²².

Em toda a diáspora são muitos lugares reconhecidos como parte dessa memória, como o centro histórico de Salvador na Bahia; Havana, em Cuba; Colonia del Sacramento, no Uruguai; e, entre eles o Porto de Veracruz e Yanga, no México.²³ Sabendo disso, segui nessa busca, percorrendo os locais mais emblemáticos da história da cidade de Veracruz, como o Forte San Juan de Ulúa, o Museu da Cidade de Veracruz e algumas edificações antigas, traçando uma rota de história e memória.

²² O Projeto Internacional da UNESCO, *Rota dos escravizados: resistência, liberdade e patrimônio*, tem por finalidade promover o reconhecimento do que foi o tráfico de pessoas negras e o que isso representa na história. Uma forma de visibilizar e reconhecer os aspectos culturais da resistência de nações africanas na conformação da diáspora.

²³ Instituto Nacional de Antropologia e História. El Puerto de Veracruz y Yanga. Sitios de Memoria de la Esclavitud y las Poblaciones Africanas y Afrodescendientes, México 2017

O porto é um lugar de passagem. Os navios chegam cheios de cargas —cruzando o Atlântico pelas rotas marítimas que remontam o período colonial da invasão espanhola no século XVI — ancoram durante um tempo, até serem cheios novamente de carga e, mais uma vez, partem pelas águas mornas das correntes do Golfo do México. Chegada e partida são os movimentos que ocorrem enquanto os moradores seguem suas vidas nessa cidade-porto. Tal dinâmica faz com que a cidade tenha “portas” abertas para o mar, produzindo intercâmbios culturais e econômicos com o entorno.

Cidades como Havana, em Cuba, e Cartagena de Índias, na Colômbia, produziram intercâmbios que frutificaram uma cultura caribenha na região, porque as três cidades irmãs, como são chamadas, eram uma rota comercial muito importante ao longo da expansão colonial nas Américas, e, dessa forma, as trocas e influências de africanos que circulavam por estas regiões incorporaram a cultura local, criando um circuito cultural afro-caribenho na cidade, especialmente através da influência cubana.²⁴

O porto de Veracruz é marcado por uma diversidade étnica e racial em razão de sua história de chegadas, partidas e ancoragens de diversos grupos raciais. Africanos, espanhóis e indígenas são os principais grupos que compuseram esse mosaico étnico-racial no decorrer de séculos, traduzindo a população veracruzana atual. A cidade está localizada no centro-sul do México, pouco mais de 400 quilômetros da Cidade do México e 90 quilômetros de distância da capital do estado, Xalapa. Tem uma população em torno de 500 mil habitantes, numa região de 241 km². Entre os grupos que compuseram a diversidade de Veracruz, africanos e descendentes constituíam o segundo grupo mais importante na Nova Espanha entre os séculos XVI e XVII, em termos de densidade populacional²⁵.

Mas qual era a importância dessas pessoas nessa colônia? A mão de obra obtida através da escravização, quando milhares de africanos atuavam, escravizados, em fazendas de cana de açúcar, na mineração, na construção e no cuidado das tarefas domésticas de famílias de espanhóis. Isso significou uma vida de muitas opressões, numa terra desconhecida, em que somente uma resistência descomunal preservaria a identidade, cultura e raízes de um povo. Uma força subjetiva que me fazia pensar na Lélia Gonzalez e no que ela falava sobre a *Amefricanidade*.²⁶ A experiência desses negros e negras são expressões da amefricanidade, no sentido em que incorporam uma experiência subjetiva compreendida através do processo

²⁴Velazquez, María Elisa. Afrodescendientes en México: una historia de silencio y discriminación. 1ª. México, Conapred/INAH, 2013, p 27 -65.

²⁵ Velazquez. p36.

²⁶ Lélia Gonzalez. A categoria político cultural de Amefricanidade In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

histórico-cultural de adaptação, resistência e construção de outra forma de existir em um novo solo, em um novo mundo. Africanos em diáspora e seus descendentes, assim como os afro-mexicanos, assim como eu, compartilhamos de uma história em comum, que é a construção de uma identidade sob um regime de adaptação. Nossa identidade se constitui, assim, a partir de um processo de adaptação e ressignificações sobre quem somos, pois somos negros diaspóricos de uma herança inegavelmente africana, ao passo que filhos de uma cultura compartilhadamente latina.

No porto de Veracruz, cujas portas estão diante do Atlântico, desembarcaram aproximadamente 250 mil africanos, de diversas regiões da África Ocidental e Central, segundo os dados oficiais registrados nas aduanas, sendo a mais importante porta de entrada a Nueva Espanha, especialmente através do forte de San Juan de Ulúa. Essas pessoas, que eram trazidas de maneira forçada para trabalhar, eram escravizadas para o trabalho em Veracruz e para diferentes partes do México. Os que permaneciam no porto trabalhavam em grande parte nas fazendas de cana, a maior cultura da região.

Diante do porto e das águas que dividem os continentes americano e africano, pensei nas vidas que cruzaram o mesmo oceano que via, capturados para um rompimento vitalício com a terra que conheciam, com os nomes que possuíam, com a história e a família de onde vieram à vida. Observei e ali permaneci, sem palavras, sem fotos, sem ação diante de tudo que somente podia sentir. O mar e o porto seguiram com seu movimento. Os navios fazendo seu trabalho, os velhos sentados pescando, os jovens mergulhando no mar em busca das moedas que os turistas e os passantes atiram para que trouxessem de volta à superfície, e eu, sentada, a observar, procurando palavras que dessem significações a essa história para além dos meus pensamentos. Contudo, nada encontrei. Somente o silêncio do país sobre afro-mexicanos.

Percorrendo o Malecón, que é um espaço na beira mar, percebi que havia diversos monumentos em homenagem a imigrações que remontavam a mescla cultural da cidade. Libaneses, judeus, ingleses e espanhóis. Cada um desses grupos existia na história da cidade através dos monumentos, marcando um lugar na memória de Veracruz. Sobre africanos e seus descendentes, não havia nada além da ausência. Algo que, pensava eu, deveria estar ali anunciado, marcado, mas não estava. Uma ausência que, ao mesmo tempo, falava tanto sobre os múltiplos sentidos do que estava sendo negado na história da cidade e do país.

Grada Kilomba fala em Memórias da Plantação sobre o processo de negação, onde algo que existe é rejeitado enquanto verdade e lançado num mecanismo que intenta dissolver

uma existência através da negação²⁷. Era diante dessa negativa que me deparava, pois entendia que se tratava de uma tentativa de negar a presença, na medida em que ela podia ser localizada através das pessoas, da história, da cultura que dali emerge, mas que não se manifestava no registro das palavras e das narrativas até ali acessadas por mim. Não apareciam nos locais históricos, nos museus, como o da Cidade de Veracruz e o museu naval. Não apareciam nos livros didáticos, nas placas das ruas, no forte de San Juan de Ulúa e na própria constituição federal. Fotografei quase tudo que via, porque entendia que nos silêncios de palavras, as fotos falavam pelo local e através do meu olhar.

Resolvi eu mesma fazer uma marca simbólica referenciando a presença afromexicana naquele território, enquanto intervenção no meu trabalho. Escrevi a palavra *Afromexicanos* na areia, em memória aos milhares de africanos que forçadamente deixaram seu continente de origem, e de seus descendentes. Tomei algumas fotos enquanto o mar logo se encarregava de ir apagando meus traços na superfície da areia. Fiquei movida de satisfação quando vi a inscrição, ainda que de forma passageira afirmando simbolicamente a identidade e presença negra naquele pedaço de chão no porto de muitos encontros, em que a ausência só poderia ser encarada com a presença. Onde todo o meu sentir convergiu em uma só palavra. O mar com seu movimento contínuo apagou minha escrita. Dessa forma, resolvi agrupar as fotos numa nova ordem, começando pelo final e terminando no início da intervenção. Contrapus através da presença, da maneira que pude, as muitas ausências que fui encontrando pelo caminho.



²⁷ Grada Kilomba. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019. p 41-44.

3.1 San Juan de Ulúa: o que as paredes contam

Em Veracruz fazia um calor que eu já havia esquecido que existia, sendo um contraponto ao clima de altitude que estava habituada na Cidade do México, nos nove meses que levava vivendo por lá. Além de emanar calor, a riqueza da cidade se sobressaía pelos aspectos arquitetônicos e históricos, de construções que datam do século XVI - período de início da expansão colonial sobre o território.

Minha próxima parada foi o forte San Juan de Ulúa, registrada por mim na foto a seguir, que é a fortaleza que protegia a cidade de invasões e saques, situada há alguns quilômetros do porto. Ela compõe o patrimônio histórico de Veracruz e foi construída em 1535. Foi um local de muitas passagens e tormentos, sendo durante um grande período utilizado enquanto prisão de forasteiros e local de tortura de africanos escravizados.²⁸

O forte é um local emblemático da história da cidade e da história de africanos e afro-mexicanos, porque representa a resistência de milhares de negros e negras que construíram com suas mãos a fortaleza. Foi símbolo de resistência e vitória da cidade diante de ataques invasores, ao mesmo tempo em que era um celeiro de muitos tormentos, de dor e tortura.



Na visita guiada que pude realizar, tive a oportunidade de adentrar em algumas salas da construção e perceber o sal do mar escorrer pelas paredes, tamanha sua insalubridade na parte interna. Em uma das salas, ainda permaneciam os instrumentos de tortura com os quais escravizados eram presos e açoitados, para, posteriormente, serem lançados à escuridão da construção enclausuradora do forte. As paredes escondiam mais segredos do que a própria insipidez do sal, do calor, da umidade e da escuridão, revelando o trabalho de negras e negros numa condição destituída da dignidade humana, numa condição de mercadoria. Olhando de

²⁸Instituto Nacional de Antropología e Historia. El Puerto de Veracruz y Yanga. Sitios de Memoria de la Esclavitud y las Poblaciones Africanas y Afrodescendientes, México 2017

perto, as paredes do forte falavam da história de como havia sido construído aquele espaço: sobre sangue, suor e silêncio.

Junto ao concreto, eram incorporadas pedras de corais, uma técnica na edificação para aguentar a umidade feroz daquele porto. A extração do coral era um trabalho feito por escravizados, que se lançavam ao mar em busca das pedras, num trabalho que edificou não somente o forte, senão uma cidade inteira. Era das tarefas mais mutilantes e padecedoras, que retratam um passado colonial muito cruel na história de africanos e seus descendentes, a qual se mantém no silêncio, apesar de ser um elemento importante da constituição da cidade e do caráter atroz da escravização de africanos: um trecho da história que deveria ser lembrado a título de vergonha, como algo a nunca mais ser permitido. O antropólogo que acompanhava o percurso da visita comentou sobre esse importante elemento que está presente no estilo das construções por toda a cidade. Tomei esse registro fotográfico para materializar um extrato da parede que via.

As paredes de San Juan de Ulúa narravam fragmentos da história que se constituiu através de mãos, de suor, de sangue e fôlego negros, sobre inúmeras construções materiais e simbólicas dessa cidade e país, que não os menciona na memória, na história, na consciência das pessoas, dos museus, das placas da cidade, nos



livros, enfim, num rol de inscrições sociais. Por se tratar de um local declarado como parte da rota de escravização e de resgate da memória histórica, imaginei que encontraria algo que mencionasse esse aspecto do forte. Apesar disso, não se encontra uma palavra sequer da passagem de africanos por lá. Nada no forte, nada no porto, nada no museu da cidade, nada nas ruas. Um silêncio ensurdecedor sobre a negritude, sobre uma história colonial que, ao menos, deveria ser lembrada a título de vergonha e reparação.

O antropólogo que guiou a visita é que foi o porta-voz de muitas das histórias que aqui menciono, se colocando à disposição quando contei que vinha do Brasil a fim de pesquisar sobre os afromexicanos. Narrou, então, uma história que rompeu o silêncio veracruzano, falando das paredes, da construção da cidade, do processo de miscigenação e do apagamento da presença africana na conformação da nação. Entre as muitas histórias que não são contadas oficialmente, talvez uma das mais importantes para compreender esse processo

de invisibilização dos negros, seja o discurso de mestiçagem mexicano, muito presente na construção identitária da população.

Veracruz, apesar de ter sido esse local de intensa presença africana, atualmente é uma espécie de símbolo da mestiçagem, constituído pelas três raças: branco, indígena e africano, que teriam se fundido “harmoniosamente” dando vazão ao sujeito mestiço genuinamente mexicano. Nesse discurso, o negro é mencionado a partir do apagamento, isso quando considerado no somatório nas múltiplas narrativas nacionais. Uma das teorias levantadas por antropólogos e sociólogos que se debruçavam sobre o aspecto racial no país é de que, ao longo dos séculos que sucederam esse período, houve um intenso processo de mescla entre as diferentes raças, produzindo a assimilação de negros à população geral mestiça.²⁹

Contudo, o apagamento não é um traço exclusivo da cidade ou do estado, senão do discurso que percorre todo o país. O discurso de miscigenação ganhou força nos processos de independência (1810) e revolução mexicana (1910), onde o projeto de nação hegemônica era inspirado nos discursos de integração das diferenças étnico-raciais, modelando uma concepção de sujeito mestiço como símbolo da identidade nacional e de superação da sociedade colonial organizada a partir de castas designadas desde a cor da pele das pessoas.

O discurso de mestiçagem mexicano, me lembrava algo semelhante que vivemos no Brasil, através do mito da democracia racial em que houve uma produção intelectual que corroborava com as práticas do Estado, como a obra famosa de Gilberto Freyre - *Casa-Grande & Senzala*³⁰. As realidades se assemelham através da produção de um ideal de sujeito nacional constituído a partir da mescla harmoniosa entre as raças (no caso brasileiro brancos, negros e indígenas, no caso mexicano a ênfase sobre brancos e indígenas), onde o racismo não seria um problema de ordem social em virtude do apagamento ou suavização das características racializantes, tornando-se exemplo para outros países no que tange à superação do racismo.

No contexto mexicano, o grande problema disso tudo é que esse discurso supôs uma figura que seria a norma, o sujeito mexicano mesclado e mais próximo da branquidão, e um outro que seria assimilado, sendo esse último retratado nos grupos historicamente racializados, sujeitos negros e indígenas. A identidade mestiça é ideologicamente construída com o intuito de agregar um novo sentido de nação e população, mas ela não está associada a

²⁹ Emiko Saldívar. Racismos y otras formas de intolerancia de Norte a Sur en América Latina. Racismo en México: apuntes críticos sobre etnicidad y diferencias culturales. Universidad Autónoma Metropolitana. México, 2012. p 49-76

³⁰ Casa-Grande & Senzala é um livro do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre publicado em 1933 que corroborou com o fundamento do mito da democracia racial no Brasil.

uma ausência de racismo, ou à aspiração dos traços físicos ou culturais indígenas ou negros na população. Pelo contrário, é uma mestiçagem tendo como objetivo tomar o sujeito branco como ideal e referência. Uma sociedade mais branca e menos negra e indígena.

Eu esperava encontrar pessoas negras nas ruas, mas, no porto, de fato não se vêem rostos com traços africanos acentuados, cabelos crespos, fenótipo que sempre estive habituada a ver no Brasil. Entretanto, do ponto de vista cultural, Veracruz ainda carrega traços muito presentes da herança africana na música, no sotaque, nas festas populares, como o carnaval, na culinária, com a água de Jamaica³¹.

O som Jarocho é um dos símbolos bem importantes de resistência negra em Veracruz, porque, além de ser a expressão para designar o gênero musical, está associado a uma identidade regional e cultural do porto, tanto que aqueles que nascem em Veracruz são chamados Jarochos. Essa expressão, contudo, nem sempre foi um símbolo de identidade regional, pois, em sua origem colonial, era a forma de se referir exclusivamente às pessoas negras. Jarocho foi, assim, ressignificado pelo movimento negro mexicano, tornando-se, inclusive, símbolo da musicalidade de identidade afromexicana, que incorporou a marimba - instrumento africano - como elemento musical veracruzano. Dessa forma, a musicalidade tem um caráter político como marca da expressão cultural e subjetiva dos afromexicanos, ainda que os mesmos



sejam pouco visibilizados como sujeitos das raízes dessa cultura. Foi muito bacana, na minha chegada à Veracruz, prestigiar a apresentação de rua do grupo de dança jarocho Tonalí, em que pude registrar a jovem afromexicana que dança com toda a representatividade das vestimentas tradicionais.

Toda a trama sobre as relações raciais no México produziu os apagamentos necessários para seguir com os privilégios simbólicos e materiais que o racismo confere à branquitude, ao passo que destitui visibilidade e reconhecimento às pessoas negras. As paredes do forte, ou de qualquer construção antiga da cidade, falam desse processo de

³¹Suco da flor de Jamaica, que é o chá de hibisco no Brasil.

invisibilização, onde é necessário atentar aos detalhes para de fato enxergar aquilo que fica em negação, como o próprio coral das construções.

Em grande parte desse período em Veracruz, ou até mesmo na Cidade do México, onde buscava pela memória, eu estava indo ao encontro das presenças-ausências de todo esse discurso ambíguo, sistemático e constante de apagamento. Como um quebra-cabeça no qual evidentemente falta uma peça para compor a figura total que se observa, mas através de um acordo discursivo entre os jogadores, a peça faltante é negada do todo, assumindo-se um jogo incompleto. Uma peça que está presente simbolicamente, nas paredes, na história que não é contada oficialmente, na música, nas pessoas, mas que não é considerada como parte do todo.

Conheci, assim, uma narrativa fragmentada sobre a história das pessoas afromexicanas, sendo essa segmentação uma consequência do racismo que desassocia sujeitos negros de uma história, de uma cultura, do poder de narrar a si mesmo e nomear suas trajetórias. Um racismo que intenta lançar pessoas negras a uma condição de objeto numa mentalidade fundamentalmente colonialista. É uma condição que coloca as pessoas negras na *margem* e não no centro; compondo o todo de algo, mas fora do corpo principal, como a bell hooks fala em *Erguer a voz*³². Esse é o local em que os afromexicanos parecem ser destinados na história: um lugar de repressão intensa, pois requer uma força sistemática de afirmação, para marcar uma existência subjetiva diante de tantas ausências. Ao mesmo tempo, a margem também pode ser um lugar de resistência, onde emergem forças a fim de constituir identidade. E essa identidade existe e segue resistindo às tentativas de aniquilamento.

Do ponto de vista dos movimentos sociais, não tive muito conhecimento ou aproximação com organizações coletivas em Veracruz, exceto na comunidade de Yanga. Tive notícias sobre coletivos de pessoas negras com maior expressão na Costa Chica de Guerrero e Oaxaca, que mais adiante situo no trabalho.

Os dias em que passei no porto foram extremamente enriquecedores para meu trabalho, porque me colocavam frente à materialização da marca afromexicana, através da musicalidade, da cultura caribenha, mas, por outro lado, me posicionavam diante de um apagamento quase palpável sobre a existência negra compondo o mosaico étnico-cultural que tanto se mencionava em Veracruz. Vi-me, portanto, em buscas de rastros. No porto, nos museus, nas músicas, nas casas, nas vidas que conformam a experiência daquele território tão belo e ao mesmo tempo tão esquecido de sua história e dos seus construtores. Cumprido os

³² bell hooks. *Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante, 2019, p 149.

dias no porto, segui rumo ao pequeno município de Yanga, para conhecer mais um elemento importante de afirmação da subjetividade afromexicana: uma liderança negra que se destacou como herói nacional.

4. NEGRO YANGA: MUITAS VOZES ECOAM DE UM

Mais além das terras litorâneas, cheguei ao município de Yanga, que está situado há aproximadamente 100 quilômetros de Veracruz, de uma população em torno de 15 mil habitantes em uma área de 102 km². O motivo que me levou até esse pequeno povoado é a figura emblemática do negro Yanga, um homem africano que se tornou um herói da libertação de dezenas de africanos escravizados no auge das engrenagens do racismo. Gaspar Yanga é uma das poucas personalidades negras visibilizadas na história mexicana, que tem reconhecimento sobretudo no estado de Veracruz.



Yanga foi privado de sua liberdade como muitos outros homens africanos, e articulou uma fuga entre escravizados, bem como seu estabelecimento em comunidade, que viria a ser um dos primeiros quilombos de negros livres na América. San Lorenzo de los Negros, nome inicial do quilombo, se constituiu sob a liderança de Yanga, que, junto a outros homens e mulheres negros, constituíram um quilombo de pessoas livres aos pés das montanhas de Córdoba.

Foram muitos os conflitos com a coroa espanhola, saques, batalhas, roubos, fugas e resistência, até que, em 1631, houve o reconhecimento formal, por parte da coroa espanhola, do quilombo enquanto povo livre³³. Séculos depois, em 1932, a comunidade foi renomeada como Yanga, em homenagem ao líder do movimento que deu origem ao povoado, reconstituindo a narrativa própria dos moradores através da afirmação da identidade negra da comunidade e sua história. As fotos, de minha autoria, foram feitas no monumento em homenagem a Yanga, que está situado na entrada da cidade. Ao lado da estátua no tamanho de Yanga é possível observar algumas intervenções artísticas nos muros ao redor, que também ilustro através e fotos que fiz, representando a história que contempla a comunidade.

³³ Instituto Nacional de Antropología e Historia. El Puerto de Veracruz y Yanga. Sitios de Memoria de la Esclavitud y las Poblaciones Africanas y Afrodescendientes, México 2017

As fugas de africanos escravizados não eram uma história exclusiva de Yanga, mas uma constante forma de resistência em toda a diáspora. No México, os africanos que fugiam da escravização eram chamados *cimarrones*, termo que no espanhol fazia alusão aos animais selvagens que andavam sozinhos pelos montes. Assim eram conhecidos aqueles que, junto de Yanga, romperam a lógica escravista onde, contrariamente ao significado original do termo, viveram em comunidade.

O movimento de aquilombar-se é o precursor de práticas de enfrentamento ao racismo e talvez uma das mais potentes ferramentas nesse sentido. O quilombo segue sendo resposta ao racismo, como o nosso Abdias Nascimento já outrora falava³⁴. Sabendo disso, penso ser um território de muitas histórias a serem evidenciadas, como forma de transcender uma história única de racismo aos sujeitos negros. Isso porque, do ponto de vista da subjetividade, o quilombo é território simbólico e material que reconstrói a vida enquanto povo, de modo a preservar valores ancestrais de coletividade, religiosidade entre outros elementos. Paralelamente à história de Yanga, pensava sobre Palmares, no Brasil, e o peso histórico e representativo que a figura de Zumbi dos Palmares representa na história de milhões de negras e negros brasileiros. Pensei nesse efeito representativo no México, em que esse processo de representação e reconhecimento da cultura negra é uma tarefa ainda mais árdua no momento histórico em que estão. Onde apenas recentemente houve inclusão da menção à existência de população afromexicana no censo, onde batalha-se ainda para o reconhecimento no texto da constituição federal aludindo a presença negra na conformação da nação, onde os livros didáticos ainda não situam a história de africanos, onde ainda não existem políticas públicas de enfrentamento ao racismo. Questões que abordo mais precisamente ao capítulo final deste TCC.

Alegrei-me ao ver a estátua de Yanga de modo tão emblemático no pórtico do município, bem como as obras nos muros, que aparecem abaixo, fotografadas por mim, no



intuito de evidenciar a resistência histórica. A história do negro Yanga, como os moradores da cidade o chamam, é uma importante marca na autoestima do povo negro mexicano, porque ele fez um ato heroico quando tudo ainda era colonialismo ao seu redor. Trata-se de uma narrativa tão importante do ponto de vista do

³⁴ Abdias Nascimento. O Quilombismo, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1980.

protagonismo negro, porque rompe com o silêncio, com a invisibilização, possibilitando muitas vozes ecoarem através da figura representativa de um. Vozes narram suas histórias como sujeitos e não como objetos destituídos do poder de construção de uma narrativa de si e de sua história.

Alguns moradores que aproveitavam aquela manhã ensolarada na praça onde fica a estátua e os murais de Yanga, me viram tirando algumas fotos do local e me perguntaram o que eu fazia ali. Disse que gostaria de conhecer mais a história da comunidade e do negro Yanga, e dessa forma, me indicaram ir até a

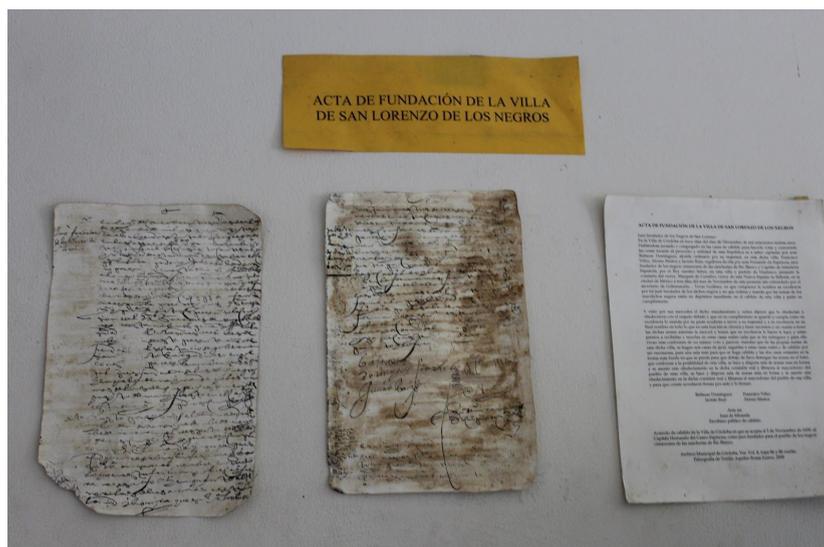


prefeitura local. Ao chegar lá, conversei com um professor de história, trabalhador da biblioteca pública — que está situada na prefeitura — o qual chamarei de Julio. Ele me contou que Yanga é um local bastante visitado por antropólogos e sociólogos pela sua história representativa afromexicana.

Júlio me aconselhou a ir até o museu de Palmilhas — povoado vizinho, onde poderia ver uma exposição organizada pelo Instituto Nacional de Antropologia e História - INAH México, sobre a história de Yanga. Fui de mototáxi até Palmilhas conhecer o museu, mas, infelizmente, não consegui uma visita guiada. Acabei eu mesma fazendo alguns registros da exposição permanente. O Museu Regional de Palmilhas, que abriu suas portas em 2004, sob coordenação do INAH, é um ponto muito expressivo na reconstrução da memória da comunidade na história recente de Yanga, porque reconstitui marcos históricos da comunidade, como sua fundação, e materializa a história com elementos culturais representativos, através das pinturas e fotos que amparam a construção narrativa. O museu ainda guarda a história pré-hispânica desse local de zona arqueológica, sendo uma grande conquista dos moradores valorizando a consciência de suas raízes.

A articulação entre a prefeitura e o museu me fez conhecer alguns moradores da comunidade, que me conduziram até duas microrregiões com a presença de famílias negras, El mirador e Mata Clara. Estive hospedada gentilmente alguns dias por alguns moradores, conhecendo algumas famílias afromexicanas e as narrativas que se constituem naquele território. Uma afromexicana que chamarei Alejandra, trabalhadora da prefeitura e presidente da associação de moradores negros do Mirador, contou que existe muita dificuldade em algumas pessoas se reconhecerem negras, devido à intensa miscigenação

ocorrida em Veracruz e ao apagamento dos traços africanos, contudo, há uma luta constante de mobilizações sociais de resgate dessa consciência e identidade daqueles que são descendentes de afromexicanos. A memória, reconstituída através do museu, de Yanga, são grandes marcos de resistência e de presença negra, contrapondo a história de invisibilização em que o negro foi situado na história do México.



Essas são algumas fotos que tirei na exposição sobre Yanga no Museu Regional de Palmillas. Destaca-se a pintura sobre a tela com a representação da liderança de negro Yanga e outros negros constituindo a comunidade livre, a ata de fundação do quilombo e a Marimba - instrumento símbolo da música veracruzana e da identidade afromexicana. A existência do museu com a elaboração de tal exposição evidenciam os esforços somados da comunidade de Yanga e El mirador na incorporação de elementos que componham as narrativas das origens

da comunidade e dos sujeitos que se estabeleceram sobre esse território. Uma maneira de chamar a atenção para sua história, mostrando ao México que existem.

As famílias que conheci, sobretudo na comunidade El mirador, vivem em condições muito precárias, análogas à história colonial. Muitas conseguem sua subsistência trabalhando nas fazendas de cana de açúcar da região, um trabalho que remonta o passado escravagista, sem oportunidades de crescimento e de grande precariedade. Apesar de todo processo de afirmação e resistência de afromexicanos, o Estado mexicano está longe de reparar ou possibilitar políticas públicas que desenvolvam a região para a qualidade de vida dos moradores. Se, por um lado, o encontro em Yanga foi com a história, com a presença e com a resistência de afromexicanos e seus descendentes, por outro lado foi o encontro com o descaso e ausência do Estado em promover condições de vida, de acesso à saúde, de educação e pleno desenvolvimento das famílias que ali vivem.

O processo de luta e resistência foi o que mobilizou conquistas, como a inclusão da categoria negro/afromexicano/afrodescendente no censo demográfico em 2015. Isso se deu devido a articulação do movimento social que pressionou as autoridades, para a concretização desse importante passo. Alejandra conta que, em conjunto com o movimento social Mexico Negro, originado na Costa Chica, foi possível estabelecer estratégias de fortalecimento através de encontros de povos negros no México, destacando-se a mobilização social como a grande estratégia política de enfrentamento ao racismo.

Passarei, então, ao meu próximo ponto de parada, que foi conhecer essa articulação política de coletivos afromexicanos na Costa Chica, região do pacífico situada entre os estados de Guerrero e Oaxaca.

5. COSTA CHICA: SUBJETIVIDADES DESESTABILIZADORAS

Cheguei ao estado de Guerrero em junho de 2018, e, dessa vez, não buscava pistas ou rastros de memória sobre afromexicanos, como foi o meu percurso por Veracruz. Estava em busca de pessoas, de atores políticos muito importantes na construção dos movimentos sociais, que compõem fragmentos fundamentais da história afromexicana. Eu estava em busca de uma cultura muito particular da Costa Chica, que constitui um patrimônio cultural afromexicano, reivindicado por esses sujeitos enquanto parte da história deles e do México.

Meu destino estava no estado de Guerrero, na cidade de Cuajinicuilapa, localizada no estado de maior porcentagem de afromexicanos (6,5%). Foi um cenário distinto do que vivenciei em Veracruz, onde encontrei pessoas negras através de uma busca um tanto quanto

intensa, em comunidades muito específicas aos arredores de Yanga. Os estados de Guerrero e Oaxaca, regiões localizadas ao sul do México, habitam diversas comunidades negras, sobretudo na região costeira. Os afromexicanos que vivem nessa região se denominam por vezes como “*costeños*” ou “*negros de la costa*”, e, em muitas comunidades, a atividade principal de geração de renda entre os moradores é a pesca.

Existem vários municípios e comunidades negras nessa região do México, mas escolhi seguir até a cidade de Cuajinicuilapa para finalizar o percurso etnográfico realizado durante o intercâmbio, em razão do Museu de la Cultura Afromestiza. Tive conhecimento de que tal museu estava situado na referida cidade, e considerei ser aquele um ponto importante de articulação, onde poderia me aproximar dos moradores e da história da comunidade. Além disso, me pareceu importante especialmente pela expressão nacional que a Costa Chica representa em termos de resistência negra.

A Costa Chica de Guerrero e Oaxaca é a micro região costeira de ambos os estados, localizada nas águas do Pacífico sul. É uma região que se conecta com a história da Atlântica Veracruz, através da presença de negras e negros que fugiam das engrenagens do racismo, e se refugiavam nas matas para viverem como sujeitos livres. É um local que manteve uma dinâmica parecida com Veracruz em razão do porto localizado em Acapulco, que também mobilizou tráfico de africanos. Na atualidade, a região se tornou o local de maior concentração das populações afromexicanas, que estabeleceram importantes marcas culturais e modos de ser.

A cidade de Cuajinicuilapa está situada a cerca de 500 quilômetros da Cidade do México. Ela abriga uma população majoritariamente negra, sendo 56,4% da sua população total³⁵. São aspectos que fazem dela um patrimônio nacional da cultura afromexicana, através da expressão cultural, política, e histórica que emanam da região. Retrato da resistência e resiliência da população negra no país, que transformaram uma terra tão inóspita do ponto de vista da subjetividade, em um ponto de ancoragem e referência para negras e negros de todas as partes do México. A Costa Chica é um ponto de afirmação da presença da identidade de afromexicanos, que ressignificam os silêncios e ausências tão palpáveis que fui encontrando.

Se, por um lado, minha passagem por Veracruz foi marcada por uma expectativa de encontrar pessoas negras, algo que se deu somente em povoados muito específicos de Yanga, Cuajinicuilapa, apresentou-se como um encontro com um México negro, presenciado através

³⁵INEGI- Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Encuesta Intercensal (2015). Perfil Sociodemográfico de la población afrodescendiente en México. México, 2017. p. 6-7.

de rostos, vozes, histórias e narrativas que emergiam rompendo com uma construção ideológica de assimilação das populações negras, para dar vazão à corporificação da presença, através de sujeitos, da cultura e da memória. Evidentemente que a negritude no México não se resume apenas aos negros da Costa Chica de Guerrero e Oaxaca. É sabido que pretos e pretas (re)existem por todas as partes vivendo suas vidas, fazendo suas histórias, construindo narrativas sobre si, pulverizados entre os trinta e um estados em que o país se divide. No entanto, a Costa Chica representa a força da coletividade negra, onde muitas vozes, subjetividades e forças ancestrais ecoam mais alto e com muito mais potência.

Quando cheguei em Cuajinicuilapa, percebi que o fenótipo das pessoas mudou completamente daquele que eu estava habituada já há algum tempo vivendo no México. Fazia muito tempo que não me sentia assim, como mais uma pessoa negra em um espaço, e não como a única negra nos espaços. Uma cidade com mais de metade da população negra, mostrou-se bastante diferente da vivência na Cidade do México, onde pouco se via negros nos locais que frequentava. Cuajinicuilapa é uma cidade extremamente negra. As pessoas que eu via no mercado, caminhando nas ruas, no ônibus, em todos os espaços sociais eram pessoas afro-mexicanas. Um acalanto para mim e minhas angústias na busca de vestígios ao longo de vários meses vivendo e escrevendo sobre elas.

Foi um encontro com respostas importantes para o meu trabalho, que ansiava por presença, em pensar como esses mexicanos se constituíam através de uma identidade negra e dos atores sociais que engendram mobilizações. A resposta a tais questões é que se constituem como negros e negras através da cultura, da cor da pele, das raízes em África e dos pés em América. Foi um efeito muito potente o encontro com tanta negritude, porque apesar de saber dos aspectos de invisibilização deste grupo, é difícil não ser tomado pela ideia de que não existem negros no México, ou de que são um grupo pouco expressivo numericamente a ponto de serem relevantes na história nacional. Este encontro com a Costa Chica teve por efeito reacender ideias sobre a resistência subjetiva afro-diaspórica, e o quanto eu ainda precisava conhecer de um tema ainda pouco explorado no país.

As relações raciais ainda são discussões que emergem de uma maneira muito sutil no México, sobretudo quando o assunto são as e os afro-mexicanos. Os acadêmicos desde a década de 1930 têm se debruçado sobre a questão indígena no país, centralizando a discussão sob um aspecto de etnicidade, e pouco se fala sobre raça/cor na construção de identidade das pessoas. É um fenômeno que me faz pensar num país racista que pouco articula a noção de raça e os impactos que ela teve nos processos sócio-históricos na organização social. Que desarticula a compreensão de raça da experiência do racismo, explicando estes processos de

discriminação através de aspectos da cultura, e ainda associado muito restritamente aos povos originários.

No Brasil e no México, a construção de uma identidade nacional, narrada através da mescla de diferentes raças e o apagamento das diferenças fenotípicas, foi uma constante tentativa de apagamento do legado colonial de hierarquias fundamentadas pela cor da pele. Porque quando se afirma uma sociedade hegemonicamente mestiça, se enfraquece a ideia de que as diferenças localizadas nos corpos são relevantes como explicação dos processos discriminatórios. E, no caso mexicano, onde a noção de mestiçagem ganhou os discursos de maneira hegemônica, a raça, como forma de explicação das desigualdades sociais, perdeu espaço para a ideia de que a cultura, a etnicidade, seriam as características centrais no seio das iniquidades do país. É parte de um processo histórico que tratou com indiferença a noção de raça, subestimando o papel que a cor da pele e o fenótipo exercem na estrutura do racismo e das interações sociais, como a antropóloga Emiko Saldívar assinala³⁶.

A negação da raça, ou a noção de identidade a partir de um ser mestiço, é muito presente nas narrativas que tive contato com as pessoas que encontrei no México. Na Costa Chica, contudo, onde a cor da pele é tão evidente, as narrativas que surgem são de uma construção identitária que leva em conta a experiência de ser negro e reconhecido como tal a partir da raça, ou seja, da cor.

Minha orientadora local havia me passado o contato de uma artista da cidade, que pintava quadros sobre a história de negras e negros mexicanos. Dessa forma, em minha chegada à Cuajinicuilapa, me dirigi até sua casa, que também abrigava um restaurante local, e fui muito acolhida durante os dias que permaneci. Ayde, como a chamarei, era uma das figuras mais representativas dos movimentos que reivindicavam a presença de afromexicanos e seus direitos junto ao Estado mexicano. Uma mulher afromexicana, que abrigava no restaurante espaços de muitas exposições, trocas e encontros ocorridos entres os moradores e visitantes que chegavam em busca desta história. Ela que pinta quadros desde a sua juventude, entendeu que poderia fazer da sua arte uma ferramenta narrativa para contar a sua história enquanto afromexicana, e expressar a cultura local que resistiu às diversas formas de apagamento. Na sua casa, repleta de quadros que pintou ao longo dos anos, ela vai contando importantes elementos da cultura afromexicana que abrigam a Costa Chica de Guerrero e Oaxaca, como o *Baile de los diablos* e o *fandango de artesa*.

³⁶ SALDÍVAR, Emiko. Racismos y otras formas de intolerancia de Norte a Sur en América Latina. Racismo en México: apuntes críticos sobre etnicidad y diferencias culturales. Universidad Autónoma Metropolitana. México, 2012. p 49-76.

Além das paredes de sua casa, suas obras ganharam espaço de destaque nessa história, compondo parte da exposição do *Museu de las Culturas Afromestizas* - uma iniciativa da associação de moradores da região, com o apoio do programa Nacional de la Tercera Raíz- que fomentam ações de visibilização da presença e patrimônio cultural das populações afromexicanas. A fotografia que segue é de minha autoria na visita realizada junto ao museu, de modo a ilustrar a máscara tradicional da festividade de dança de los diablos.



O *fandango de artesa*³⁷ é uma dança que se pratica sobre uma peça de madeira, torneada na forma de um cavalo. Faz parte das tradições nas festividades locais³⁸. *La Danza de los Diablos*³⁹ é uma expressão cultural, patrimônio de afromexicanos da Costa Chica de Guerrero. Uma tradição que teve origem nos intercâmbios resultados das diferentes etnias

africanas que chegaram ao país com a tráfico humano de africanos. É parte da resistência subjetiva africana frente a opressão que o racismo e a escravização colonial espanhola representavam. A dança em seus primórdios era um ritual ao deus africano “Ruja”, ao qual os escravizados clamavam por libertação do jugo da escravização. Tais manifestações eram reprimidas pela Igreja espanhola, que concebia a expressão como culto aos “espíritos maus” ou ao próprio “diabo”.

Com a repressão, as roupas e a imagem simbólica do diabo, passou a integrar as fantasias como modo de provocação. Assim, foram agregados chifres, dentes pontiagudos, bigodes e barbas nas máscaras e trajes que simbolizam essa importante expressão de resistência negra. Com as diferentes influências de grupos étnicos, incorporou-se elementos da cultura indígena bem como do catolicismo, passando a ser uma festividade que toma as ruas no dia dos mortos, no início de novembro. É com a máscaras de diabos que os moradores ocupam as ruas e remontam essa importante parte da sua história e cultura regional.

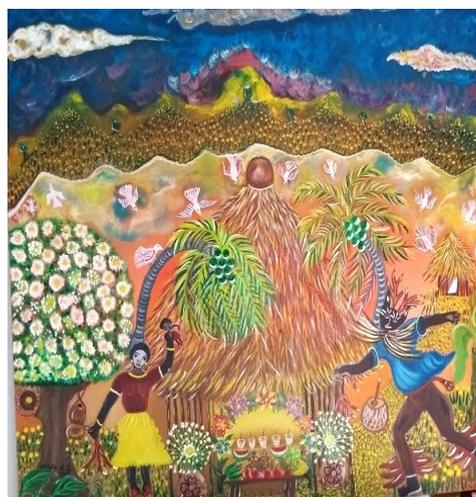
³⁷Ruiz Rodríguez, Carlos. (2011). En pos de África: el ensamble instrumental del fandango de artesa de la Costa Chica. *Cuicuilco*, 18(51), 43-62.

³⁸ Em meados do século XX, o fandango de artesa tinha um papel fundamental nas festividades da Costa Chica.

³⁹ ALVES, Vitor João. (2019). Patrimônio-Territorial Afroindolatinoamericano: La Danza de los Diablos como resistência espacial no território mexicano. XIII ENANPEGE, São Paulo.

As obras da Ayde expressam de uma maneira muito sensível a representação das histórias que os afro-mexicanos contam sobre si. São obras que contam como os africanos chegaram ao México, através do porto de Veracruz e Acapulco; as fugas da escravização e o estabelecimento pelas terras da Costa Chica; os movimentos culturais como a dança de los diablos, la danza de la artesa, construindo narrativas de uma forma tão significativa, pois afirmam um protagonismo através da arte, da criatividade, erguendo vozes sobre um fragmento da história que não é mencionada na história geral do país, mas que está presente nas narrativas de sujeitos negros, sobretudo deste território.

Estas são algumas fotos que fiz das obras que compõem seu ateliê, em que ilustram o tanto a dança de los diablos, como o fandango de artesa. E a importância de narrar a própria história está na própria constituição como sujeito. Protagonizando uma história de si e transmitindo aquilo que é definido enquanto realidade. Elementos de uma subjetividade desestabilizadora⁴⁰, porque confronta a norma reguladora de silenciamento e marginalidade aos quais



negras e negros são submetidos, dando vazão a voz narrativa, reivindicadora, que rompe com o silêncio colonial que dificulta as pessoas negras de falar através de espaços representativos. Posso afirmar que esse encontro com os negros da costa foi um encontro com essa subjetividade negra desestabilizadora, que afronta as estruturas racistas que nos querem caladas(os) e submissas(os) ao jogo do racismo e do colonialismo. Porque foi um encontro com a organização de negros e negras que se expressam através da arte, da consciência histórica, dos movimentos sociais que lutam contra a desumanização e sofrimentos consequentes do racismo. Que ativam um espanto e indignação ao silenciamento e fazem desta inconformidade, vozes que convocam através do movimento político subjetividades emancipatórias, que

⁴⁰ GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Movimentos Sociais, Movimento Negro e subjetividades desestabilizadoras. Petrópolis, RJ: vozes, 2017

apontam rumos para transformação social que se anseia. É o caso dos movimentos sociais que emergem na Costa Chica através destes diversos atores sociais que reivindicam o reconhecimento de suas identidades e narrativas próprias.

5.1 Sujeitos Políticos: da Invisibilidade ao Reconhecimento Constitucional

Os povos negros da Costa Chica de Guerrero e Oaxaca são referência nacional na luta por reconhecimento e direitos das populações afro-mexicanas. Desde a década de 1990 as comunidades têm se organizado de modo a produzir avanços entre os seus, através de organizações civis e associações comunitárias, trabalhando na agenda de encontros entre povos negros, onde se levantam estratégias políticas de enfrentamento ao racismo. Entre as diversas organizações da região está a México Negro, por exemplo, que encabeçou lutas importantes no campo do reconhecimento da identidade afro-mexicana.

Ayde conhecia algumas pessoas fundamentais nesse processo de reivindicação por direitos, e, dessa forma, me aconselhou a conversar com um dos idealizadores desses encontros de pueblos negros, da associação comunitária. Tive a oportunidade de conhecer o presidente da Associação Comunitária México Negro, o professor Sergio Peñalosa, que me recebeu prontamente, com um cafézinho novo e um pão caseiro no pátio da sua casa. Ele me contou que, desde o fim da década de 1990 os moradores têm reconhecido a importância de se afirmarem enquanto negros, e de reivindicarem o reconhecimento de seus direitos perante o Estado Mexicano. Entre as mobilizações mais significativas que deram origem ao movimento, está o primeiro Encuentro de Pueblos Negros ocorrido na Costa Chica em 1997, como Sergio situou-me. O encontro foi um marco na história afro-mexicana, que visibiliza o caráter potencial de organização coletiva que o povo negro possui, porque deu vazão à muitas vozes de negros e negras que assim como os da Costa vivenciam a realidade de silenciamento, invisibilização e ausência de direitos. Ele configurou um passo tão potente para que as pessoas se enxergassem, que recebeu uma frequência anual dentro da agenda das comunidades, contando com a participação de diversos atores sociais ao longo do país. Os encontros de pueblos negros são espaços de trocas entre afro-mexicanos, onde é possível estabelecer um espaço de diálogo entre as diferentes comunidades do país, onde são levantadas pautas reivindicatórias para o enfrentamento do racismo, direcionando pautas fundamentais para o avanço coletivo do povo preto, como o reconhecimento censitário e constitucional.

Sérgio conta que, entre as muitas demandas que abarcam as reivindicações da população, a presença no censo populacional foi uma das que mais se destacaram entre as lutas travadas por direitos. Isto porque, até o ano de 2015, ser negro no México era uma

identidade que não existia perante o Estado, pois o país suprimiu a categoria negra/afromexicano/afrodescendente dos questionários de autoidentificação da população, através do levantamento sociodemográfico. Somente após a pressão de movimentos sociais é que se obteve a inserção da pergunta sobre a identidade afromexicana, como opção de identificação étnica-racial. Dessa forma, apresentou-se, na publicação de 2017, que 1.381.853, ou seja, 1,2% da população total do México se declararam afrodescendentes, sendo 704.929 mulheres e 676.924 homens.⁴¹ Como Glória Millán destaca:

Los colectivos afrodescendientes de la Costa Chica de Guerrero y Oaxaca son quienes se movilizan de manera más consistente y participan en los debates y foros. Entre estos debates los colectivos han expuesto la necesidad de estadísticos censales que den cuenta de la población afrodescendiente. Al menos desde 2009, colectivos de Oaxaca iniciaron pláticas con el INEGI para que se incorporara una pregunta relativa a la identificación afrodescendiente para el censo 2010. En ese mismo año, el Conapred, pidió al INEGI la generación de estadísticas de las poblaciones afrodescendientes, para visibilizar a este grupo discriminado en el país y con ello cumplir compromisos en los tratados internacionales firmados por el gobierno mexicano y dar pasos para combatir el racismo que afecta a la población en cuestión. Después del intento fallido en 2010 para incorporar a las estadísticas a los afrodescendientes, el INEGI trabajó desde 2012 con un grupo de trabajo constituido por representantes de organizaciones de la Costa Chica de Oaxaca y Guerrero. El resultado de las reuniones de trabajo fue la prueba encuesta que se realizó en cuatro entidades de la República, para después trabajar la pregunta que se incluyó en el conteo intercensal de 2015. Una de las propuestas de los colectivos afromexicanos fue que en la formulación de la pregunta de autoidentificación se incluyeran formas de identificación locales, mismas que serían más asequibles para los entrevistados; sin embargo, esta petición no se consideró por la institución responsable de los censos. (MILLÁN, 2017, p. 106)⁴²

A inclusão no censo de 2015 representa uma conquista imensa do povo negro do ponto de vista da afirmação da identidade, sendo um passo importante para obter dados sociodemográficos que possam nortear a construção de políticas públicas que atendam as necessidades deste grupo.

Pensava na angústia enfrentada por essas pessoas para afirmarem suas raízes e existência em um país que se encarregou de apagá-los de todas as formas da história, do acesso aos direitos mais básicos de cidadãos, como saúde, educação e definir sua própria

⁴¹ Dados obtidos através da Encuesta Intercensal (INEGI, 2015)

⁴² Glória Millán. Visibilización en los censos. Afrodescendientes en la Encuesta Intercensal 2015 en México. Boletín del Archivo General de la Nación. Núm. 12, enero-abril, 2017.

identidade diante da sociedade. De acordo com o INEGI, a porcentagem de pessoas negras, acima de 15 anos, analfabeta, é quase três vezes maior do que a média nacional, por exemplo. Nos estados de Veracruz, Oaxaca e Guerrero, a média percentual de negras e negros não alfabetizados chega a 15,5%, quando a média nacional é de 5,5%⁴³. Dados reforçam o perfil do racismo institucional do Estado mexicano, com sua negligência e omissão na efetivação de direitos básicos humanos.

O racismo mexicano negou de uma maneira muito perversa modos de existir na sociedade, constituindo um não-lugar para milhões de pessoas que hoje, graças à mobilização social, podem declarar sua origem étnica racial, reivindicando a efetivação de ações reparadoras em diversos setores da vida pública. É muito grave pensar que somente em 2015 esse grupo racial, que já foi um dos mais expressivos na sociedade mexicana, tenha o reconhecimento da sua identidade e seja considerado parte de um país que os trata como estrangeiros.

As múltiplas lutas, travadas por afro-mexicanas e afro-mexicanos nessas últimas décadas, transformaram o silêncio em visibilidade, de modo a alcançar um avanço sobre as discussões raciais junto a setores importantes como o INEGI, O INAH, CONAPRED⁴⁴, entre outros órgãos responsáveis por uma resposta às demandas sociais que apresentam. As pautas de lutas que o movimento negro tem reivindicado na atualidade convergem todas em um próximo passo urgente do ponto de vista de efetivar o compromisso do Estado mexicano no combate às iniquidades que acometem a população afro-mexicana. Esse passo que urge é o reconhecimento constitucional, que diz respeito à inclusão explícita junto à Constituição Federal do comprometimento do Estado no cumprimento de agendas políticas com o objetivo de reparar o cenário de desigualdades que se encontram a população negra.

Assim sendo, é possível afirmar que o Reconhecimento Constitucional representa um avanço do campo das leis reconhecendo do papel histórico que as pessoas negras exerceram e exercem no país, através de seu patrimônio cultural, material e imaterial no desenvolvimento da nação. É um reconhecimento também enquanto sujeitos coletivos de direitos, que se organizam de modo social e político.

O que Sérgio me explicou é que tal tensionamento vem sendo realizado através desses órgãos competentes, para que a constituição federal, bem como de todas as entidades federativas, incorpore legislações que fomentem a instrumentalização de políticas públicas

⁴³ Instituto Nacional de Estadística y Geografía, Encuesta Intercensal 2015. Perfil sociodemográfico de la población afrodescendiente en México, INEGI, México, 2017

⁴⁴ INAH- Instituto Nacional de Antropología e História, CONAPRED- Conselho Nacional de Prevenção à Discriminação

em benefício do povo afromexicano. Uma pauta que une esforços na superação do racismo através de uma estratégia coletiva de reconhecimento da identidade e objetivos comuns que abarcam as necessidades deste grupo. É um movimento parecido com o que ocorre com a população indígena, que obteve este reconhecimento e tem incorporado suas pautas reivindicatórias nas agendas políticas do país.

Todos esses pontos apresentados, como os quilombos, o reconhecimento constitucional, a presença nos censos, os museus, as narrativas encontradas, constituem parte de uma caminhada longa, de passos ancestrais e contemporâneos de africanos até seus descendentes. Entendo que negras e negros vão se tornando quem são a partir de experiências muito singulares, apesar de compartilharem de uma dimensão muito coletiva da experiência de ser negro, que é o racismo. Como a Neusa Santos Souza (1983) disse, o negro se torna negro. Torna-se a partir de um arranjo subjetivo com o qual constrói sua identidade, sua narrativa. Esse tornar-se perpassa muitas estruturas de poder, como o racismo, mas ele não é a única dimensão da experiência subjetiva da vida das pessoas negras. Afromexicanos têm suas histórias, suas narrativas, sua cultura, suas lutas.

O que intento compartilhar aqui são apenas fragmentos que fui compreendendo dessa história complexa, em que reuni meu olhar, as narrativas que acessei, os lugares que percorri, para empregar algum sentido à minha própria experiência de viajante, de mulher negra, de acadêmica de psicologia. É um pouquinho do que eu vivi, li, e, por fim, *escrevivi*. Escrivências não tão lineares, não tão precisas, de retratos do espaço-tempo que desfrutei e que descrevo em palavras do meu jeito. Do jeito que sei escrever sobre o que me afeta.

Dessa forma, concluo que essa escrita é, sobretudo, sobre meus afetos, que falam de uma experiência muito particular, ao mesmo tempo em que acompanha as afetações que as múltiplas vozes que me encontraram nesse percurso representam — sejam meus ancestrais, as autoras que enlaçaram conceitualmente minha escrita, os afromexicanos e as afromexicanas que encontrei e que me confiaram suas histórias, aqueles com quem compartilhei dessas vivências. Nesse sentido, trata-se de uma escrita muito particular e também absolutamente coletiva.

6. CARTAS E SEUS ENDEREÇAMENTOS

Em meu retorno ao Brasil, em julho de 2018, senti que em minha bagagem de retorno carregava comigo uma história difícil de contar. Porque eram histórias que diziam sobre ausências, sobre apontar o que não me parecia estar em seu devido lugar. Foram muitos silêncios vividos e muita ânsia em encontrar narrativas para cada um deles. Conheci um México e mexicanos tão acolhedores na minha passagem por lá, que me ofereceram suas casas, sua comida, sua hospitalidade sempre que me apresentava enquanto brasileira. Ouvia que o Brasil era um país hermano, e me sentia ainda mais pertencente a esse país que foi minha casa durante um ano.

Ao mesmo tempo em que essas lembranças positivas invadiam meu peito, era complicado pensar que tanta cordialidade ocultava as inúmeras negligências que eu sentia para com o povo negro. Por vezes pensei que a experiência de ser negro no Brasil era melhor do que a que eu presenciara nos últimos meses, já que, ao menos, minha identidade racial é reconhecida em diversos espaços da vida pública em meu país. No mesmo instante, recordava, contudo, que se, no México, existe toda uma perspectiva de apagamento da existência e da subjetividade, além da ausência do Estado em promover condições dignas de vida, o Brasil oferecia política de extermínio da sua juventude negra e pobre. Com o passar do tempo fui deixando esta perspectiva comparativa entre as duas realidades, entendendo que são contextos muito particulares. E como estrangeira eu tinha vantagens em perceber através de um olhar de fora as dinâmicas que se faziam presentes de ausências e presenças, contudo, era necessário uma postura cuidadosa para não cair em julgamentos de valor aquilo que gerava estranhamento através das descobertas.

Cada país carregava sua história e um racismo com suas particularidades. No caso mexicano, sentia que as discussões sobre raça ainda seguiam bem fragmentadas. Era preciso colocar pedra sobre pedra, fragmento sobre fragmento, para tornar mais inteligível para mim tal contexto das relações raciais. Dessa forma, nas cartas, eu tento colocar algumas considerações sobre como percebi as relações raciais no México, através de aproximações com minha realidade enquanto brasileira, ainda que não tenham o sentido de ser considerações comparativas. Falo um pouco de minha vivência no sul do Brasil, e dos mecanismos que o racismo produz silenciamentos através da negação, e a presença através da afirmação narrativa como sujeito.

Após a conclusão de meu diário, senti que precisava de algo que pudesse retornar às pessoas que eu conheci pelo caminho. No sentido de dar notícias desde o Brasil sobre o que eu estive pensando ou fazendo com as inúmeras aprendizagens que tive a oportunidade de vivenciar. Resolvi por fim organizar algumas cartas, que pudessem empregar uma tentativa de retorno a respeito das reverberações que o deslocamento suscitou em mim. Palavras apresentando alguns desfechos desse processo. Como acadêmica de Psicologia, que se debruça sobre narrativas em meu fazer profissional, penso que levantar espaços de diálogos a respeito da experiência de cada um, seja uma boa forma de situar esses escritos num campo ético da psicologia, da escuta e do falar. Assim sendo, escrevo algumas palavras finais endereçadas às pessoas que conheci e também a intelectuais importantes no percurso deste trabalho, apostando no poder das palavras como mediadora de nossas experiências.

Na psicologia, nos debruçamos sobre as palavras e sua importância para compreender, enunciar e até mesmo no tornar-a-ser algo, tamanha sua potência em nossa constituição como sujeitos no mundo. Como futura psicóloga, compreendo esse efeito a partir do que chamamos de significantes - a palavra e o sentido subjetivo que ela tem para cada sujeito. Desse modo, minhas cartas e seus endereçamentos são também considerações sobre como situei essa vivência através das palavras.

Porto Alegre, 28 de outubro de 2020

Queridos afromexicanos,

os encontros com as pessoas que tive a oportunidade de ver, conversar, hospedar-me, provar da comida, foram muito gratificantes. São memórias lindas que guardarei dessas aventuras que foram esses dias no país em que vocês vivem.

Quando eu regresssei ao Brasil, fiquei pensando por um bom período de tempo de que forma contaria as histórias que vocês me confiaram, e de que forma eu expressaria tudo o que foi descoberto ao longo de minha jornada por essas terras mexicanas. Foi um processo longo até eu encontrar uma maneira. Fiquei decantando as palavras quase três anos, mas, como um compromisso meu em mandar algumas notícias minhas às pessoas que foram tão gentis comigo durante todo meu processo de intercâmbio, eis aqui uma carta com algumas palavras que ofereço a vocês.

Certa vez, eu estava em uma aula do meu curso de psicologia, aqui na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e apresentava uma prévia do que foi meu intercâmbio no México, falando um pouco sobre essa aproximação com vocês e a temática do racismo por aí. Em meio à apresentação, acabei desabafando com um professor que eu encontrava dificuldades em encontrar uma forma de falar de todo esse processo de invisibilização e apagamento que o México faz com esses meus irmãos negros, sem que isso soasse muito impessoal, até mesmo ríspido, e sem um retorno para aquelas pessoas que contribuíram com meu processo de aprendizagem acadêmica, mas sobretudo pessoal.

Ele me sugeriu que escrevesse cartas para vocês, como forma de dar um retorno ao menos sobre o que eu senti em meu percurso e sobre as reverberações que o retorno causou em mim.

Ao conversar com a minha orientadora de trabalho de conclusão de curso sobre a ideia, decidi que escreveria algumas cartas para pessoas, autoras e autores que foram importantes ao longo desse período de decantar a experiência vivida. Optei por escrever de modo geral à todas e todos os afromexicanos e afromexicanas que encontrei no caminho, de modo a não esquecer de ninguém na minha escrita.

Como brasileira, e uma mulher negra no país de vocês, senti que o México tem um racismo muito particular, que é a ideia de um racismo quase sem raça. Eu digo sem raça porque, em grande parte das discussões que participei, textos que li, falar sobre raça me parecia sempre um desconforto para as pessoas, pois elas sempre preferiam usar outras expressões, como o termo *etnicidade*. Acontece que, para mim, que venho do Brasil, isso soava estranho, porque no meu país a gente tem uma outra leitura da sociedade. Aqui a cor da pele, os cabelos crespos, os traços físicos, configuram nossa raça e nossa identidade, acima de qualquer outro elemento que possa nos descrever. Mas no México é diferente. Falar de raça ainda me pareceu um certo tabu, até mesmo entre os intelectuais que li e isso me chamou a atenção. Fui descobrindo que esse incômodo no termo estava relacionado ao esforço na história mexicana de desarticulação da noção de raça para uma compreensão dos fenômenos sociais através da *etnicidade*, trazendo uma noção de cultura como o cerne dos processos discriminatórios.

Isso fez sentido para mim quando via as pessoas com traços indígenas não se identificarem como tal por não falar uma língua

indígena, ou por não viverem em uma aldeia. E, para mim, que venho de um país em que o racismo é lido através da "marca", foi difícil compreender como se davam os processos de construção de uma identidade racial, ou étnica, neste caso. Sei que no caso de vocês esse processo não se dá assim, porque a cor que vocês carregam na pele, seja no Brasil ou no México, será lida como negra, entendida como pertencendo a um grupo racializado, porque as raízes do racismo em nossas experiências está fundamentado em um entendimento de que somos corpos passíveis de serem racializados.

Lógico que hoje, quando nos referimos à raça, falamos dela enquanto categoria política, e não através de sua origem "cientificista" e/ou "biológica". Eu penso que poder situar os debates acerca do racismo no México através da raça é um passo importante na visibilização do racismo, sobretudo com a população afro-mexicana. Isso porque não falar de raça não faz simplesmente o problema do racismo deixar de ser associado às características fenotípicas e culturais das pessoas. Não falar é uma forma que deixa de lado um aspecto fundamental na experiência do racismo, que é a hierarquia de cor. Neste sentido, é necessário afirmar a existência da raça, como forma de visibilizar também os processos de discriminação e desvantagens que produzidos aos grupos racializados por ela. Mas aqui quem fala é uma mulher estrangeira, que conviveu certo tempo com vocês e com a realidade que vocês vivem, de modo que gostaria de saber o que acham a respeito disso que situo.

Outra questão que eu gostaria de falar é sobre o que não parou de martelar aqui na minha cabeça, ao longo, e no retorno dessa experiência: Somos Amefricanos!

Apesar das muitas diferenças entre nossos países, seja pela história, pela língua que falamos, ou território geográfico em que estamos situados, nós compartilhamos de uma experiência de existir muito coletiva, uma vivência atlântica, em que descendemos de africanos e tudo que representa África, mas, ao mesmo tempo, fazemos parte de uma outra terra, de uma cultura reconstruída através de gerações, produzindo um modo de ser e estar no mundo em diáspora. Somos feitos da resistência de nossos ancestrais, e somos parte de uma identidade forjada por todos estes atravessamentos. Somos distâncias e proximidades entre África e América.

Eu gosto dessa expressão, Amefricanidade, que a Lélia Gonzalez, uma pesquisadora brasileira que me ajuda bastante a pensar, criou, porque ela nos reconecta a uma coletividade intercontinental, que potencializa nossas vidas e nossa subjetividade, ao saber que, de norte a sul da América, outros negros e negras compartilham de experiências semelhantes às nossas, tão singulares e, ao mesmo tempo, tão coletivas. Amefricanidade é tornar-se negro sob a experiência de ter os pés sobre um continente, mas raízes ancestrais em África, reinventando a vida através de toda sua força subjetiva daqueles que sobreviveram aos horrores do tráfico negreiro, resistindo de modo a podermos nós também (re)existir.

Quando estive em Veracruz, na casa da família Peña, me perguntaram se eu era uma sobrinha deles que estava de visita, pois encontravam em mim traços de uma familiaridade. Me Senti tão em casa a partir daquela fala, porque me senti reconhecida na minha cor e experiência de vida, como parte da experiência de vida daquela família também. E eu gostaria de agradecer pela acolhida e pelo prato

delicioso de pollo mole que tive a honra de comer em família. Foi uma das experiências mais significativas de toda a pesquisa de campo.

Outro ponto que pensei ser importante de colocar para vocês, é situar de que parte do Brasil eu venho, e quais os desafios que enfrento em meu cotidiano.

Eu moro em Porto Alegre, que é a capital do estado localizado no extremo sul do Brasil. Aqui é uma região que acolheu uma imigração grande de italianos, alemães, entre outros europeus, que receberam incentivo do Estado Brasileiro para povoar terras, processo que fazia parte de um projeto de embranquecimento da população. Dessa forma, eu vivo numa região extremamente embranquecida no Brasil, onde ser negro é fazer parte de uma minoria social, que sobre um processo de invisibilização parecido com o que conheci do México.

E vocês, como ninguém, sabem o que é estar numa posição de minoria (que não necessariamente representa um número menor). É viver um processo de invisibilização constante, que requer uma afirmação constante em contraponto. Eu tiro de lição desta empreitada toda a força que conheci em cada um, as histórias que ouvi, os cafés que tomei. Obrigado por terem enriquecido tanto minha percepção de mundo através do mundo de vocês.

¡Saludos desde Brazil!

Liliana.

Porto Alegre, 29 de outubro de 2020

Queridas Lélia, Conceição e Grada,

Gostaria primeiramente de agradecer-las pela contribuição imensa que as obras de vocês representam na compreensão da experiência da negritude. Vocês rompem imensamente uma lógica epistêmica branca e masculina, constituindo-se enquanto referência a muitas outras mulheres negras, e homens negros. Vocês agregam os signos mais potentes da escrita negra e feminina, seja na denúncia do racismo ou na afirmação de nossas existências. Do ponto de vista da representatividade, me sinto honrada em saber que minhas maiores referências neste trabalho de conclusão de curso são intelectuais negras.

Lélia, queria te agradecer especialmente, porque na sociedade brasileira você é nossa maior referência de intelectual negra, que sempre esteve à frente de seu tempo. Com toda força de sua militância, participou da fundação do MNU, contribuiu de maneira genial sobre o aspecto sociológico da nossa experiência como negras e negros na sociedade racista que o Brasil é. Como mulher negra, admiro tua firmeza em conduzir pautas tão importantes para nós, quando ainda mal éramos lidas humanas.

Essa semana eu lia um editorial no jornal, em que contava um pouco mais de sua trajetória de vida. E vi um depoimento da Angela Davis sobre a importância das tuas obras, e o quanto ela aprendeu com você. Ela falava que, no Brasil, não se atribui o devido reconhecimento às

tuas inúmeras contribuições em caráter nacional e internacional na temática do racismo e seu enfrentamento.

Então, achei importante mencionar aqui que você foi muito importante no entendimento do meu trabalho, no qual, pensando sobre a experiência dos afroamericanos refletia sobre a minha própria experiência de negritude sob a compreensão da Amefricanidade. Obrigada por ser uma referência viva em nossos escritos, rompendo com fronteiras políticas e geográficas.

Conceição, eu não tenho palavras para descrever o quão importante tuas obras foram para mim, especialmente nesse momento crítico de pandemia que estamos vivenciando em todo o mundo. Nesse espaço-tempo de concreto-pandemia, a poesia de tua produção literária foram refúgios onde recolhia minha subjetividade, e ganhava forças para seguir sem perder de vista a fantasia das tuas histórias. Através da abstração que a literatura nos convoca, pude me sentir acolhida em narrativas que gentilmente falavam de modos de existir muito semelhantes ao meu.

Tuas escrevências produzem deslocamentos em nossas vidas negras, de uma forma muito bonita, muito potente. Foram viagens que fiz, na poltrona da minha casa, no gramado dos parques, nos momentos mais inóspitos de se estar diante da realidade. Tu foste e és uma inspiração constante em meu fazer escrever. Tu resgatas nossa relação com a literatura e com o desejo de compartilhar nossas narrativas. Muito obrigada pelas palavras e significações que nos emprestas.

Grada, faz algum tempo que eu ouvi falar de ti, por conta de um livro teu que ganhou destaque aqui no Brasil. Um dia eu resolvi comprar o teu livro para me inteirar do que vários amigos negros meus estavam lendo e postando em suas redes sociais, e ele acabou virando meu livro de cabeceira por um bom tempo. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo no Cotidiano*, desde as primeiras páginas, me capturou porque falava do teu próprio desafio de produzir um livro, que tem uma dimensão tão autoral e inscreve uma experiência a partir de um Eu e não de um outro.

Foram muito relevantes estas tuas considerações porque me via nesse mesmo processo com a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Teu livro surgiu num momento de reafirmar a importância de escrever com minhas palavras a minha própria narrativa, resgatando a importância do protagonismo negro em nossas histórias, através da nossa voz. Tu apontaste isso como um processo de ser sujeito no mundo, que rompe com uma condição de objeto narrado como um Outro, o outro do branco.

E desta forma fiquei fixada na tua consideração de rompermos com essa posição de outridade que o racismo e o colonialismo nos lança, inclusive através da linguagem.

Foi muito importante para mim ler uma contribuição tão valiosa para o campo da subjetividade na psicologia, e, mais precisamente, na psicanálise. Porque tu foste direto ao ponto mais evidente da nossa constituição subjetiva: a palavra/linguagem. E penso que o racismo tem uma centralidade muito grande quando falamos da construção subjetiva das pessoas negras, porque o elemento central na nossa própria identidade como pessoas é a linguagem e a linguagem é racista.

Trazer a discussão de raça para o campo da linguagem é repensar nossa própria subjetividade através dos significantes na cultura, que empregamos na representação de nós mesmos. É também importante para pensarmos como nos narramos e narramos nossas histórias. A potência de erguemos nossas vozes - aqui tomando emprestado a expressão que dá título ao livro de outra intelectual negra, bell hooks - e rompermos com o silêncio que a máscara do racismo tenta silenciar. Muito obrigada por reacender minha vontade de construir um trabalho tão autoral com palavras minhas. E pensar nos processos de ausências e presença que a tua obra contribuiu para elucidar, através de concepções que tu trouxeste sobre as dimensões da subjetividade e o potencial de marcar uma presença através da inscrição de nossas histórias.

Vocês são referências!

*Com carinho,
Liliana.*

Porto Alegre 30 de outubro de 2020

Ao querido e eterno Abdias Nascimento

Eu queria primeiramente te reverenciar Abdias, pois tu és um dos nomes mais importantes da intelectualidade e militância negra no Brasil- que junto à Lélia descansam em poder.

Quando eu tive notícias do edital de mobilidade acadêmica que participei, e que carregava seu nome, foi um bálsamo para mim, porque desde que eu ingressei na universidade sonhava com a oportunidade de fazer intercâmbio. Mas pensava que não era uma experiência para mim. Aliás, nem mesmo a universidade foi tida como um lugar que eu pudesse de fato ocupar durante um bom tempo dos meus primeiros anos de faculdade.

Ocupar o espaço acadêmico, tão historicamente habitado pelas elites, em um contexto de desigualdades sociais tão fundamentalmente atrelados a marcadores sociais como o de raça e classe, foi e é para mim, enquanto mulher negra, um desafio de caráter transformador porque promove mudanças nas estruturas sociais e nas relações de poder existentes na sociedade.

Mas além desse ingresso, temos o complexo desafio da permanência numa universidade pensada estritamente para essa elite portadora de uma cor e uma classe social, branca e burguesa.

Você, melhor do que eu, sabe das artimanhas do racismo em boicotar nossa capacidade intelectual e epistêmica, e, dessa forma, me afirmar como acadêmica dentro de um espaço de tantas opressões como a universidade foi uma tarefa árdua para minha subjetividade.

Mas eis eu aqui.

O intercâmbio era um sonho que parecia difícil de alcançar, porque sempre que eu via os editais que a universidade oferecia, pensava que não conseguiria. De fato, das vezes em que me candidatei, não obtive aprovação, porque exigiam que eu falasse um idioma que nunca tive oportunidade de estudar com afinco na minha vida de estudante e trabalhadora.

E pediam mais. Pediam um desempenho acadêmico de excelência, quando eu ainda tinha que me equilibrar para dar conta das demandas de trabalhar, estudar, cuidar da casa, da minha família e lidar com o racismo e sofrimento que a própria universidade produzia em mim. Difícil alcançar essa tal excelência nesse contexto aí né?

Mas fui dando meu máximo, que era ser três vezes melhor que qualquer branco pudesse ser, uma máxima que todo negro no Brasil conhece para conseguir qualquer objetivo, que um branco faz de mãos atadas. Temos que ser três vezes melhor. Cansativa essa lógica, verdades sejam ditas!

Quando surgiu um edital que levava em consideração meu lugar social de estudante negra, oriunda de escola pública, sem fluência na língua do país pretendido, eu me joguei e pensei: É meu! Tomo posse! E foi mais ou menos assim que as coisas foram acontecendo, até eu chegar no México, voltar, e escrever notícias de tudo que foi esse processo para mim.

À luz disso, a reflexão da experiência do intercâmbio surge enquanto uma tentativa de contornar com as palavras uma vivência que produziu, entre muitos outros efeitos, a ampliação de horizontes e a suavização de fronteiras políticas e geográficas. Entendendo que elas existem muito mais para defender interesses econômicos, porque para os que as cruzam, como eu, muitas vezes não fazem sentido existir.

Foi muito importante essa minha experimentação através da experiência da internacionalização. A possibilidade de conhecer uma outra

realidade social, uma outra língua, uma nova culinária, uma nova musicalidade, contribuíram para um novo olhar sobre minha própria identidade, e sobre o meu país. Eu comecei a pensar de que forma nós brasileiros estruturamos nossas identidades, como eu me tornei negra através da experiência que vivencio no Brasil. Questões que impulsionaram minha escrita de TCC, e me fizeram pensar sobre a compreensão de identidade que envolve a dimensão de ser negro.

Muitas coisas que eu idealizava sobre morar fora receberam novo sentido. Retornando dessa experiência, vi que a cidade em que eu morava não era mais a mesma, nem as ruas, nem as pessoas, nem a minha compreensão de tudo isso que era familiar, e minha única noção de país e sociedade. Uma história única.

A escritora nigeriana Chimamanda, em uma conferência, compartilhou um escrito em que refletia sobre o perigo de uma história única. Ela alertava em relação à história que se remonta sobre a África sob uma perspectiva sempre de pobreza e precariedade, como se outras narrativas não fossem possíveis emergir.

Dessa forma, o sentido que imprimo da importância dessa experiência de internacionalização, é poder olhar um outro pedaço de mundo com meus próprios olhos, com a rica oportunidade de construir uma outra narrativa, própria, sobre mim, sobre meu país e sobre o mundo. Eu vou carregar essas histórias e tantas outras na minha bagagem de vida e isso me alegra muito.

Obrigada por todo teu empenho na luta pelos negros e negras. Avançamos muito Abdias, mas a luta segue. A luta é permanente.

*Até um dia!
Com carinho,
Liliana Dantas da Silva*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural, Editora, Pólen Livros; 1ª Edição, 2019.

ALVES, Vitor João. Patrimônio-Territorial Afroindolatinamericano: La Danza de los Diablos como resistencia espacial no território mexicano. XIII ENANPEGE, São Paulo, 2019.

BELTRÁN, Gonzalo Aguirre. La población negra en México. 2ª. México, Fondo de Cultura Económica, 1972.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. 2006. p 329-376.

COLLINS, Patricia. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 janeiro/Abril 2016.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. O palhaço e o Psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo, Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Editora Pallas, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Movimentos Sociais, Movimento Negro e subjetividades desestabilizadoras. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In:Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1988. Pág. 69-82.

HOOKS, bell. Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra. Editora Elefante, 2019.

INAH. Instituto Nacional de Antropología e Historia. El Puerto de Veracruz y Yanga. Sitios de Memoria de la Esclavitud y las Poblaciones Africanas y Afrodescendientes, México 2017.

INEGI. Instituto Nacional de Estadística y Geografía, Encuesta Intercensal 2015. Perfil sociodemográfico de la población afrodescendiente en México, México, 2017.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em Estudo*. 2001, p 17-27.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019.

MATTOS, Carmen. A abordagem etnográfica na investigação científica. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande, 2011. pp. 49-83.

MILLÁN, Glória. Visibilización en los censos. Afrodescendientes en la Encuesta Intercensal 2015 en México. *Boletín del Archivo General de la Nación*. Núm. 12, enero-abril, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1980.

RODRIGUES, Carlos Ruiz. (2011). En pos de África: el ensamble instrumental del fandango de artesanía de la Costa Chica. *Cuicuilco*, 18(51), 43-62.

SALDÍVAR, Emiko. Racismo y otras formas de intolerancia de Norte a Sur en América Latina. *Racismo en México: apuntes críticos sobre etnicidad y diferencias culturales*. Universidad Autónoma Metropolitana. México, 2012. p 49-76.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.

VELAZQUEZ, María Elisa. Afrodescendientes en México: una historia de silencio y discriminación. 1ª. México, Conapred/INAH, 2013.